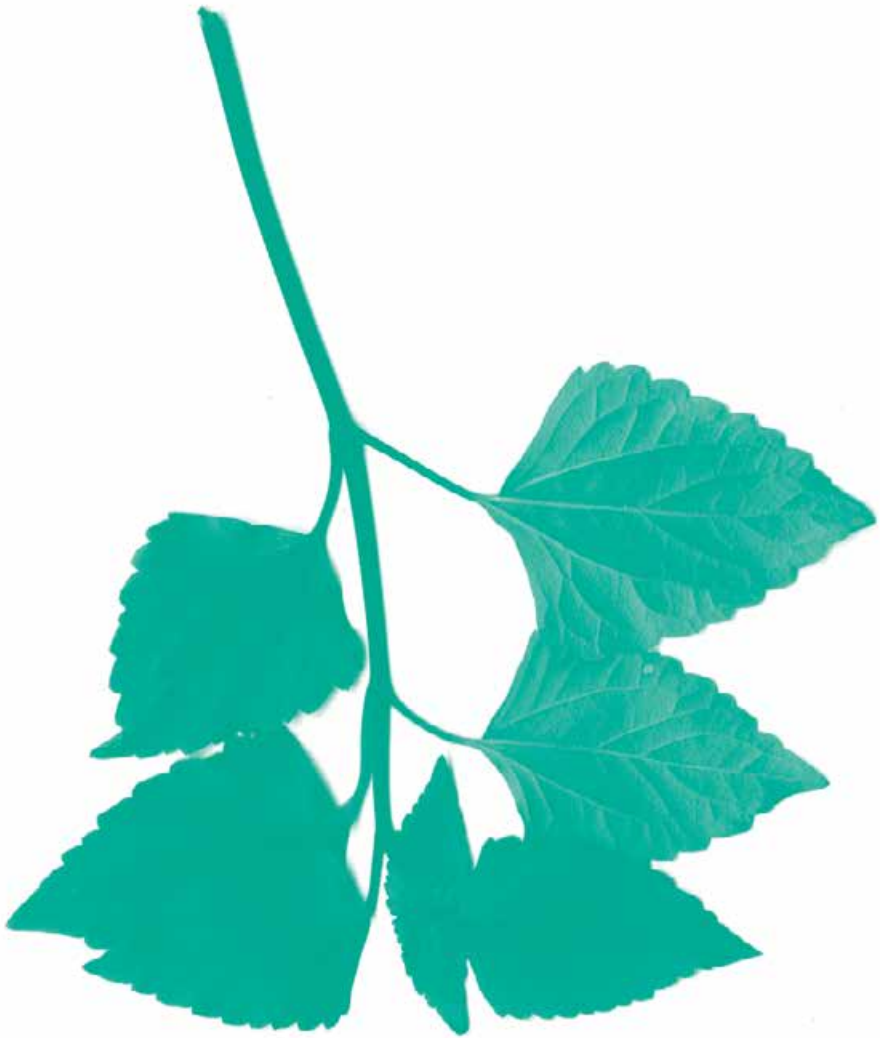
gineceu & estigma

A publicação *Gineceu&Estigma* resulta do programa homónimo, eixo de conhecimento e mediação a partir da Botânica dos Jardins do Palácio de Cristal, no âmbito do ping! – Programa de Incursão à Galeria, projeto educativo da Galeria Municipal do Porto.
Os contributos aqui reunidos, assim como as atividades que foram apresentadas ao longo do tempo, indicam diferentes possibilidades para se estabelecerem relações e reaproximações mais justas ao mundo natural. Este livro não é apenas uma memória, mas a extensão de um projeto que se expande e desenvolve continuamente. Divide-se em quatro capítulos – *Especulações Botânicas*, *Micorrizas*, *Hackers&PANCs* e *Terrários* – mostrando um ecopensamento que atravessa tanto a reflexão teórica como as ações educativas práticas, através de workshops, ensaios, conversas e percursos interpretativos.



gineceu & estigma

TERRÁRIOS

GINECEU&ESTIGMA
Matilde Seabra

Gineceu&Estigma é um diálogo, entre anatomia de elementos botânicos, lugar de reunião de mulheres numa casa da Antiguidade grega e as marcas que diferentes meios naturais e humanos apresentam, resultantes de usos pouco cuidadores. Este debate sobre novas possibilidades de interdependência entre os domínios natural, artístico e político acabou por se estruturar como um dos eixos de programação do projeto educativo ping! — Programa de Incursão à Galeria. Desejamos que esta publicação possa funcionar como um guia de passeio pelos Jardins do Palácio de Cristal, ou que possa ser consultada como um recorte do ping! que, desde 2020, programa atividades a partir das especificidades do território envolvente e do lugar onde se encontra a Galeria Municipal do Porto. Ou então pode ser, somente, um livro sobre as relações humanas que se estabelecem com a natureza, no qual são partilhadas reflexões e práticas alternativas que buscam uma reaproximação e afinidades.

Com a dimensão de um livro de bolso, facilmente se pode tornar numa companhia para quem gosta de

caminhar para, assim, poder ser lido fora dos limites destes Jardins. Se a caminhada for pela floresta, a filosofia de Michael Marder ajuda-nos a relacionar tudo que existe à nossa volta, como se tudo fosse uma floresta: da macroescala das árvores à microescala do musgo. Se for a passo apressado, por pavimentos de cimento delimitados por muros, a proposta de Teresa Castro convida-nos a desacelerar e a observar líquenes e ruderais, que crescem nos interstícios dos passeios como provas da resistência da vida vegetal. Nas palavras de Yayo Herrero, mas também de Mauro Gil-Fournier, encontramos inspiração para uma caminhada em grupo, refletindo em conjunto sobre possibilidades ecológicas mais afetivas, onde o cuidado é um direito, mas é também uma obrigação coletiva. Estar num terreno baldio rodeado de paisagem urbana, ou numa montanha com os pés descalços poderá suscitar dúvidas sobre o nosso papel na Terra. A proposta de María Auxiliadora Gálvez é apurar a perceção do que nos rodeia a partir do contacto direto da pele, como numa busca pelo que ainda pode parecer estar num estado selvagem. Fernanda Botelho — com A Recoletora — e a dupla Landra colocam em alerta outros sentidos, o do "farejar" e o do palato, ajudam-nos a reconhecer plantas viajantes longínquas que coabitam não apenas nos descampados, mas também nos Jardins do Palácio de Cristal e que possuem

propriedades terapêuticas e alimentícias em risco de cair no esquecimento. IXÉ YGARA VOLTANDO PRA' Y'KÛÁ (sou canoa voltando pra enseada do rio) atravessa e ramifica-se nas página desta publicação. A poesia de Ellen Pirá Wassu, escrita em língua portuguesa e tupi antigo, dá-nos possibilidades de coexistência entre vida humana e não-humana, entre seres reais e seres mágicos.

Enunciadas até aqui, estas são possibilidade para diferentes leituras, como um campo atravessado por muito do que se experimentou e se deu a conhecer no eixo de programação Gineceu&Estigma. Outras atividades expandem as raízes da programação da Galeria Municipal do Porto e do projeto educativo ping!, como são as entrevistas, em formato podcast, com paisagem sonora da Mariana Sardon. E ainda o programa *Percursos para os Jardins*, que tem vindo a ser publicado de uma forma independente a esta publicação. Cada fanzine apresenta o mapa desenhado por artistas como Von Calhau! ou Carla Filipe, por pensadoras como Marta Lança ou o biólogo José Teixeira; cada trajeto vai encontrando outros temas, que o ping! tem vindo a programar, num outro eixo de programação — Memória de Elefante, a partir do legado da Primeira Exposição Colonial Portuguesa que teve lugar nestes jardins em 1934.

Ao longo destes quatro anos organizaram-se conferências, planearam-se residências artísticas, orientaram-se workshops que seguiram solstícios e equinócios e que ouviram comunidades participativas. Destas experiências de mediação resultaram ocupações informais das estufas, ações performativas ou até a construção de abrigos para atrair insetos polinizadores. A metodologia de cada projeto foi adicionando camadas ao solo de ecopensamento, contribuindo para melhorar o projeto que se sucedia — facilitando a consulta de arquivos com desenhos e fotografias da arquitetura paisagista, iniciada no século XVIII, mas reunindo também, com igual importância, álbuns e memórias pessoais; estabelecendo parcerias para recolhas de espécies nos viveiros municipais, ou aprimorando o reconhecimento de tantas outras durante as caminhadas pelas hortas e baldios urbanos da vizinhança urbana.

São as partes destas camadas que compõem as muitas atividades na mediação de públicos que trazemos para esta publicação. Gineceu&Estigma organiza-se por quatro temas, que vão de perspetivas teóricas até ações práticas:

Especulações Botânicas — nas quais se extrapola a realidade destes jardins para o imaginário do mundo vegetal;

Micorrizas — onde se entrecruzam as ideias, profundas e invisíveis, que sustentam a nossa ligação à natureza;

Hackers e PANCs — uma espécie de chamamento à resiliência e ao não-convencional;

Terrários — numa relação com a arquitetura de vidro do Palácio de Cristal e das estufas.

Atualmente, muitas instituições culturais europeias tornaram-se mais conscientes da importância de convocar artistas, cientistas e ativistas para dialogar sobre botânica, a partir de uma ciência mais aberta, para reverem políticas alimentares e de consumo, e até não deixar no esquecimento saberes populares e ancestrais.

O ping! — Projeto Educativo continua a crescer e Gineceu&Estigma deverá expandir-se numa estrutura rizomática que envolva os temas relevantes à Galeria Municipal do Porto, como têm sido as práticas do pensamento decolonial, uma forma de posicionamento menos repressora sobre escolhas e identidades, indicando diferentes futuros, a fim de se estabelecerem relações mais justas, ao invés de comportamentos que nos distanciam da natureza.

Especulações Botânicas

QUE TIPO DE CRIANÇAS SOMOS NÓS? UM CASO PARA O CULTIVO VEGETAL DA HUMANIDADE

Michael Marder

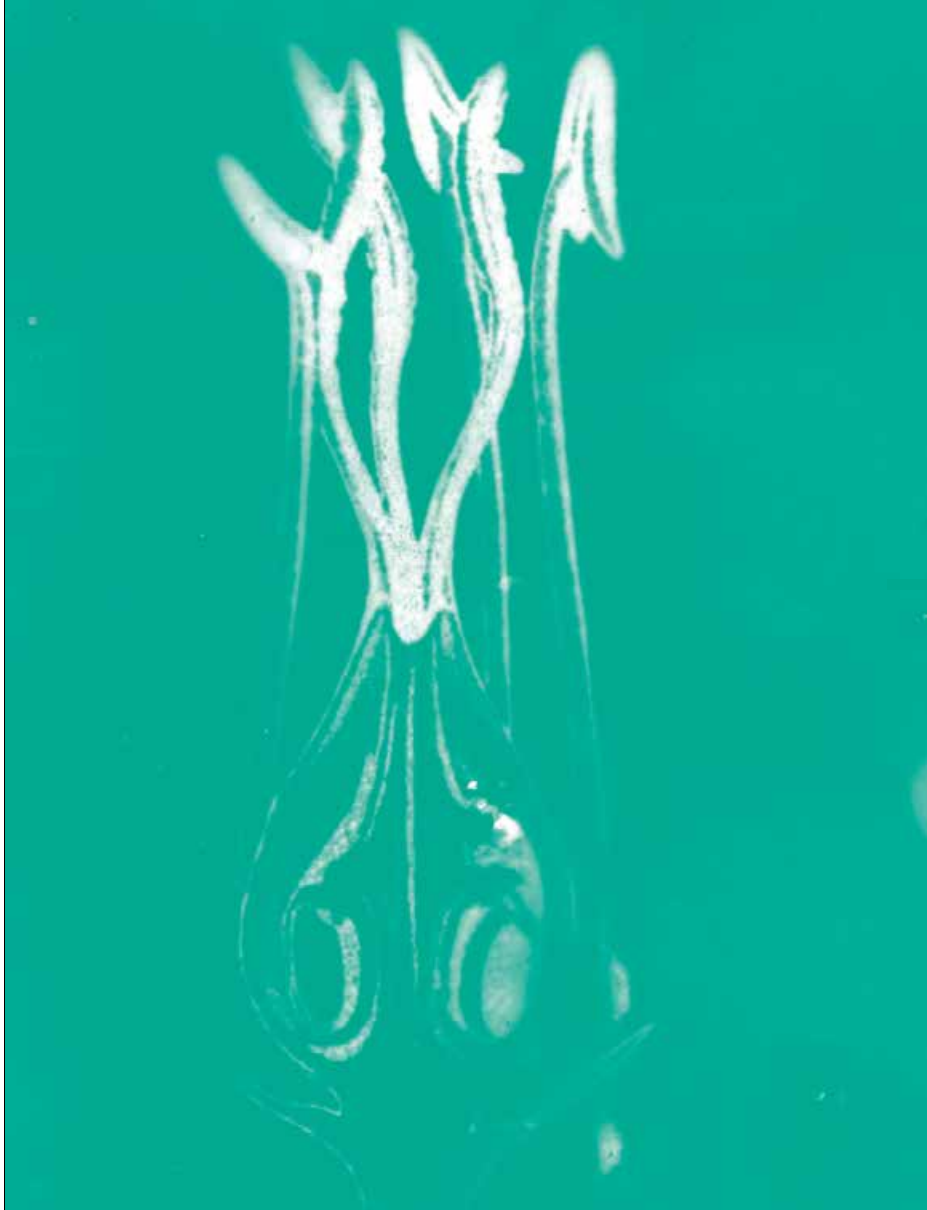
Num belo apontamento do seu diário intitulado "A Terra e os seus filhos" e datado de julho de 1876, Fiódor Dostoiévski confidencia aos seus leitores: "Não estabeleço distinção entre a Terra e as crianças. Tal como árvores e ervas, arbustos e flores, as crianças são fruto da Terra, numa interpretação original da narrativa bíblica da Criação, segundo a qual Adão e Eva foram feitos a partir da própria terra. A pedagogia torna-se uma questão de cultivo, de direcionar de modo inconspícuo o crescimento – físico e psíquico – da criança, de um modo semelhante ao cultivo de árvores de fruta ou sementeiras de cereais."[1]

Na grande narrativa da história da humanidade, tal como Dostoiévski a vê, a última palavra de toda a civilização, a derradeira "humanização de toda a coisa humana"[2], é a abertura incondicional ao mundo natural. Para lá mesmo dos confins do cultivo e do que Dostoiévski ridiculariza como boas maneiras, está a compulsão "de se expandir, de se dissolver na natureza e de se abrir completamente a ela, de avançar para aquele raio de sol dourado que brilha sobre nós, pecadores, vindo do céu azul, sem distinguir se somos ou não dignos dele"[3]. (Freud chamava a esta compulsão "o sentimento oceânico".) E porque a última palavra da civilização é essa abertura sem reservas, a trajetória da história da humanidade passa de castelos para cidades e de cidades para pomares, segundo Dostoiévski. Assim, em 1876, o romancista russo escreve: "Haverá um Pomar. Anotem as

minhas palavras e daqui a cem anos lembrem-se do que vos disse neste jardim artificial desta estância de verão, entre gente artificial. A humanidade será renovada num Pomar e será endireitada por um Pomar — é essa a fórmula."[4]

Sem dúvida que a referência ao endireitamento da humanidade é uma alusão à famosa máxima de Immanuel Kant, que precedeu Dostoiévski em quase um século: "De uma madeira tão torta como aquela de que é feita a humanidade, nada direito pode ser feito."[5] Sim, nada direito poderá sair de madeira torta; mas, e se a matéria, a materialidade, a matriz da humanidade não fosse madeira morta, mas sim madeira viva, dos bosques ou pomares? Decerto que uma macieira que, enquanto rebento, começa a crescer torta, pode ser endireitada com a ajuda de várias escoras que, de todos os lados, guiam e direcionam o seu desenvolvimento futuro. Mas a questão é que Dostoiévski não está na verdade a falar do crescimento de um ser humano ou de uma árvore individual, mas sim sobre a renovação e o endireitamento da humanidade operados por um Pomar, pela cultura-natureza ou natureza-cultura em que se terá tornado. O que quer isto dizer?

Uma medida-fundamental da maturidade humana é a forma como tratamos o ambiente que nos cerca. Quase 150 anos após a profética entrada diarística estamos mais perto de transformar o mundo numa gigantesca lixeira do que num Pomar florescente. Uma abordagem desprovida de afeto e destruidora do mundo, geralmente entendido como uma espécie de parque de recreio para pôr em prática as nossas



Linum usitatissimum. Anaïs Tondeur, Chernobyl Herbarium

fantasias, é irresponsável e infantil no pior sentido, esquecida da estranha indiferenciação entre as crianças e a Terra que mencionámos acima. Uma abordagem que demonstra desrespeito por outras formas de vida, desinteresse pelo futuro e a incapacidade de pensar e planear mais além das necessidades da mera sobrevivência física, ela mesma prejudicial quando é feita às custas do meio onde estamos destinados a sobreviver.

Historicamente, poucas alterações houve em direção a um comportamento mais adulto em relação ao meio ambiente. Entre os outros seres vivos, as plantas foram particularmente maltratadas em resultado desta atitude, porque sempre foram concebidas como uma matéria ilimitadamente maleável, sobre a qual a forma humana poderia ser aposta e imposta, geralmente em detrimento da própria vida biológica. De facto, Aristóteles, o primeiro a elaborar o conceito de matéria no Ocidente, retirou-a da palavra grega usual para "madeira". Tal como as plantas, a matéria era supostamente um recetáculo passivo para a forma que era, em muitos casos, alheia à vida vegetal, não cultivada em conjunto com a própria matéria. Embora Aristóteles ainda tivesse em

Linum usitatissimum. Anaïs Tondeur, Chernobyl Herbarium

conta outras formas de vida, depois dele uma árvore convertida numa mesa ou numa cama tornou-se o exemplo favorito de matéria e forma, enquanto a autoformação da árvore, recetiva a cuidados e cultivo pacientes, foi desconsiderada.

No que toca ao respeito pelo ambiente não passamos de crianças, ou mesmo bebés de colo. Mais do que isso, somos crianças terríveis e desordeiras porque, na maior parte das vezes, não estamos dispostos a ser instruídos sobre o assunto. Só os castigos, sob a forma de catástrofes naturais imputáveis ao aquecimento global ou a pandemias, têm tido algum efeito sobre o comportamento humano, despertando em nós a consciência das consequências negativas que acompanham uma conduta ambiental imatura. Ainda assim, uma genuína mudança de atitude é improvável em resultado somente de ameaças e castigos. O que é absolutamente necessário é uma pedagogia ambiental – não formulada pelos nossos congéneres humanos, mas antes transmitida pelo mundo que habitamos.

Literalmente, pedagogia significa "condução ou liderança da criança". Se somos todos crianças no que diz respeito ao ambiente (tanto como criaturas dependentes que são muito mais novas do que ele, como enquanto agentes imaturos da sua destruição), então deveríamos ser conduzidos ou liderados por uma sabedoria mais desenvolvida do mundo natural. E, uma vez que as plantas são das formas de vida mais antigas da Terra, indispensáveis para a sobrevivência de todos os outros seres vivos, a sua liderança é especialmente conducente a uma pedagogia ambiental.

De certa forma, deveríamos seguir as plantas. Há muita resistência a uma tal diretriz, que poderá soar absurda.

Na maioria das vezes, não prestamos atenção aos significados do mundo vegetal. Não ouvimos o que nos diz. E, no entanto, os seus ensinamentos podem ser beneféficos para a nossa própria vida e a forma de nos comportarmos perante os outros e o mundo em geral. O rebento torto que é o ser humano tem oportunidade de crescer melhor, de medrar e florescer se for escorado, apoiado de todos os lados, não por vigas de madeira ou cimento, mas sim por árvores e arbustos e até por ervas daninhas.

A primeira lição de uma pedagogia verde é que a vida não pode existir sem se ser fiel a si próprio, sem resistência e paciência, que é o mesmo que fidelidade ao outro. Dependerá, sem dúvida, do ambiente humano e não-humano que nos rodeia permanecermos vivos ou mesmo se nos podemos desenvolver. Apesar disso, devemos dar uma forma viva àquilo que recebemos e não torná-lo totalmente fragmentado, retalhado em pedaços por tecnologias da informação, pelas exigências do mercado ou por modas e tendências em constante mudança. Atualmente, essa fragmentação é cada vez mais comum no ser humano, contrariamente ao exemplo que o mundo vegetal nos dá. Infelizmente, a nossa forma de agir não corresponde ao cultivo da vida que devemos tomar a nosso cargo. E isso provavelmente explica porque paramos de crescer tão depressa, enquanto uma árvore continua a crescer

até à sua morte. A segunda coisa que o mundo vegetal nos ensina é, justamente, que não podemos existir sem devir. Ser é tornar-se: se há um princípio na vida vegetal, é esse. Contudo, geralmente consideramos, pelo menos no Ocidente, que recebemos a vida de uma só vez à nascença e que apenas temos de a manter, sem nos preocuparmos com o seu desenvolvimento. E depois permanecemos divididos entre uma mãe, que nos dá a vida natural, e um pai, que nos introduziria numa vida cultural ou espiritual. Há séculos que essa clivagem paralisa o nosso crescimento humano. Se queremos assegurar um futuro para nós e para o mundo, é urgente compreender que a nossa vida cultural ou espiritual tem de corresponder ao cultivar, florescer e florir do nosso sentido natural de pertença e que temos de definir uma cultura que permita uma continuidade entre estas vidas alegadamente desligadas. Tanto mais que esta alegada divisão tem afetado as nossas relações com todos os seres vivos.

O mundo vegetal fornece-nos muitos outros ensinamentos. Por exemplo, revela o valor do silêncio para o cultivar do discurso, da vida e das relações com diferentes outros. Prova que é possível ensinar mostrando, aquém ou além de qualquer discurso. Expõe a beleza e a fecundidade das formas naturais anteriores ou exteriores à fabricação humana. Indica a necessidade de obedecer aos ritmos planetários para tornar-se...

Mais surpreendentemente, o mundo vegetal dá-nos alguns conselhos sobre a forma correta de nos comportarmos. Diz-nos que não é aceitável tirar proveito do meio ambiente

em que vivemos sem darmos a nossa contribuição para o futuro desse meio, para permitir que continue a viabilizar a vida. Se, por seu lado, as plantas geram ar respirável, nós, enquanto humanos, comportamo-nos como consumidores, que inalam o fôlego vegetal e poluem a atmosfera sem qualquer preocupação com o nosso contributo para o entorno vivo, quer seja vegetal, animal ou humano.

Estes não são senão os rudimentos de uma pedagogia ambiental vegetal que pressupõe uma nova abertura aos ensinamentos das plantas. Em vez de ouvir as plantas para interpretar a "informação" que nos podem transmitir, faríamos melhor em abster-nos de lhes impor o nosso modelo comunicativo e, em vez disso, acatar as suas lições éticas, estéticas e de outra índole. O nosso destino e o destino do mundo não-humano dependem disso.

E a minha tese é que ouvir as plantas e aprender com elas é algo que se manifesta de modo particularmente pertinente entre as crianças, no deslumbramento e na abertura da criança ao mundo (ou na sua proximidade à Terra, como pretendia Dostoiévski). Deixem-me dar-vos um exemplo: em julho de 2018, na ânsia de escapar a um calor insuportável, parti com o meu filho, que tinha então dois anos, para umas férias improvisadas de uma semana em Sintra. Durante os longos passeios por trilhos florestais serpenteantes e pequenas estradas de montanha, o meu filho aprendeu imediatamente uma nova palavra que repetiria muitas vezes durante toda a nossa permanência em Sintra e depois disso: musgo. De facto,

havia musgo por todo o lado, cobrindo com um espesso tapete os muros de pedra que ladeavam as estradas, os troncos de árvores e os penedos espalhados pelo solo da floresta. Tocando a sua suavidade verde e húmida com a palma da mão, o meu filho saboreava tanto aquela experiência como a palavra, repetindo o gesto e pronunciando a palavra uma e outra vez. Estou convencido de que na sua cabeça todo aquele lugar estava ligado à pequena planta omnipresente que encontrou ali pela primeira vez.

Um tal fascínio é alheio aos filósofos que, habitualmente negligenciando as plantas, não prestam nenhuma atenção às mais pequenas de entre elas. A natureza das plantas em geral, e os musgos em particular, estão abaixo deles, esses altos pensadores que recusam dobrar-se, inclinar-se, descer, física ou espiritualmente, tão baixo. Uma exceção relevante é Jean-Jacques Rousseau, que graceja nos seus *Devaneios de um caminhante solitário*: "Dizem que um alemão escreveu um livro sobre uma casca de limão; eu teria escrito um sobre cada erva dos prados, cada musgo dos bos-

Linum usitatissimum. Anaïs Tondeur, Chernobyl Herbarium


PROGRAMA
DE INCURSÃO
À GALERIA
ping!
debates
workshops
percursos
cinema
visitas

ques, cada líquen que cobre os rochedos, enfim, não quereria deixar passar sequer um caule de erva ou um átomo de vegetação que não fosse extensamente descrito."[6] Por trás das mais minuciosas observações e reflexões naturalistas não encontramos o ideal do desprendimento académico, mas sim um empenho entusiasmado, o deslumbramento e a curiosidade da criança preservados ao longo da vida e despertados, justamente, por "cada erva nos prados, cada musgo nos bosques, cada líquen que cobre os rochedos".

Na verdade, a primeira experiência do meu filho com o musgo – que foi incrível, quase em linha com a forma como as crianças costumam pensar – foi que ele tenha aplicado essa palavra que tinha acabado de aprender ao local onde se deparou com ela pela primeira vez, a todas as minúsculas plantas, à erva aparada dos relvados, aos líquenes... E desta forma, na sua mente, o musgo tornou-se facilmente assimilável e ampliado à categoria "pequenas coisas em crescimento". Há, no entanto, que referir que foi assim assimilável a um mundo visto pelos olhos de uma criança, que é, precisamente, o mundo inassimilável para a orgulhosa e autossuficiente experiência adulta. A categoria "pequenas coisas em crescimento" recebe uma certa forma, configurada como musgo. A sua universalidade concreta é altamente significante, acima de tudo como uma maneira alternativa de abordagem da vida de plantas.

Por seu turno, os devaneios de Rousseau tentam recuperar o deslumbramento da criança, a perspetiva que, neste caso, se identifica com e se reconhece em pequenas coisas

que crescem. Em vez de argumentar em favor da seriedade do adulto, deveríamos apelar àquela imaturidade que está em harmonia com a promessa de vida, com essa natureza imatura, pueril e lúdica que é essencial à vida. Nesse esquema jovial, chamar musgo a todas as pequenas coisas que crescem não é amalgamá-las no mesmo grupo conceptual; é antes dar algo como um nome correto a uma categoria, tornada singular graças a esse nome. A aparente desordem entre níveis de generalidade que daí resulta é na verdade uma ordem diferente, atenta a como o musgo é inassimilável, irredutível à divisão taxionómica (ou ao filo) *Bryophyta* dentro do reino *Plantae.*

Dizemos que as coisas ganham musgo quando ficam velhas, a menos que se mantenham em movimento, como um seixo a rolar. Mas aqui é o musgo que agrega seres, independentemente das suas categorias formais e, ultrapassando a segregação enraizada no âmago da nossa cognição "matura", rejuvenesce o pensamento. A escolha diante da qual nos encontramos não é entre permanecer crianças ou tornarmo-nos adultos, mas entre que espécie de criança queremos ser: os que persistentemente se maravilham com o mundo (e, acima de tudo, com a existência das plantas) ou aqueles que não adotam da infância senão a sua destrutiva irresponsabilidade. Foi isto que descobri em Sintra com a ajuda do meu filho. Foi isto que redescobri em Rousseau. E é isto que continuo a descobrir nas minhas incursões pela filosofia da vida vegetal.

Esta conferência decorreu a 29 de abril 2021,
com moderação de Mariana Pestana.

1 Fiódor Dostoiévski, Дневник писателя / IV. Земля и дети (Diário de um Escritor / IV. A Terra e os seus filhos), 1876, disponível em https://fedordostoevsky.ru/works/diary/1876/07-08/13/, acedido a 20.02.2021.

2 Fiódor Dostoiévski, Дневник писателя / IV. Самое последнее слово цивилизации (Diário de um Escritor / IV. A última palavra da civilização), 1876, disponível em https://fedordostoevsky.ru/works/diary/1876/07-08/04/, acedido a 20.02.2021.

3 Fiódor Dostoiévski, Дневник писателя / I. Что на водах помогает: воды или хороший тон? (Diário de um Escritor / I. O que influencia a cura ao tomar as águas: a água ou o *bon ton*?), Julho/Agosto, Capítulo IV/I, 1876, disponível em https://fedordostoevsky.ru/works/diary/1876/07-08/10/, acedido a 20.02.2021.

4 Fiódor Dostoiévski, in "A Terra e os seus filhos", 1876, ver nota 1.

5 Immanuel Kant, *Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht* [Ideia para uma história universal com um propósito cosmopolita], 1784 [N.T.].

6 Jean-Jacques Rousseau, *Les Rêveries du promeneur solitaire*, 1776–78, disponível em http://clicnet.swarthmore.edu/litterature/classique/rousseau/promenade5.html, acedido a 22.11.2024.

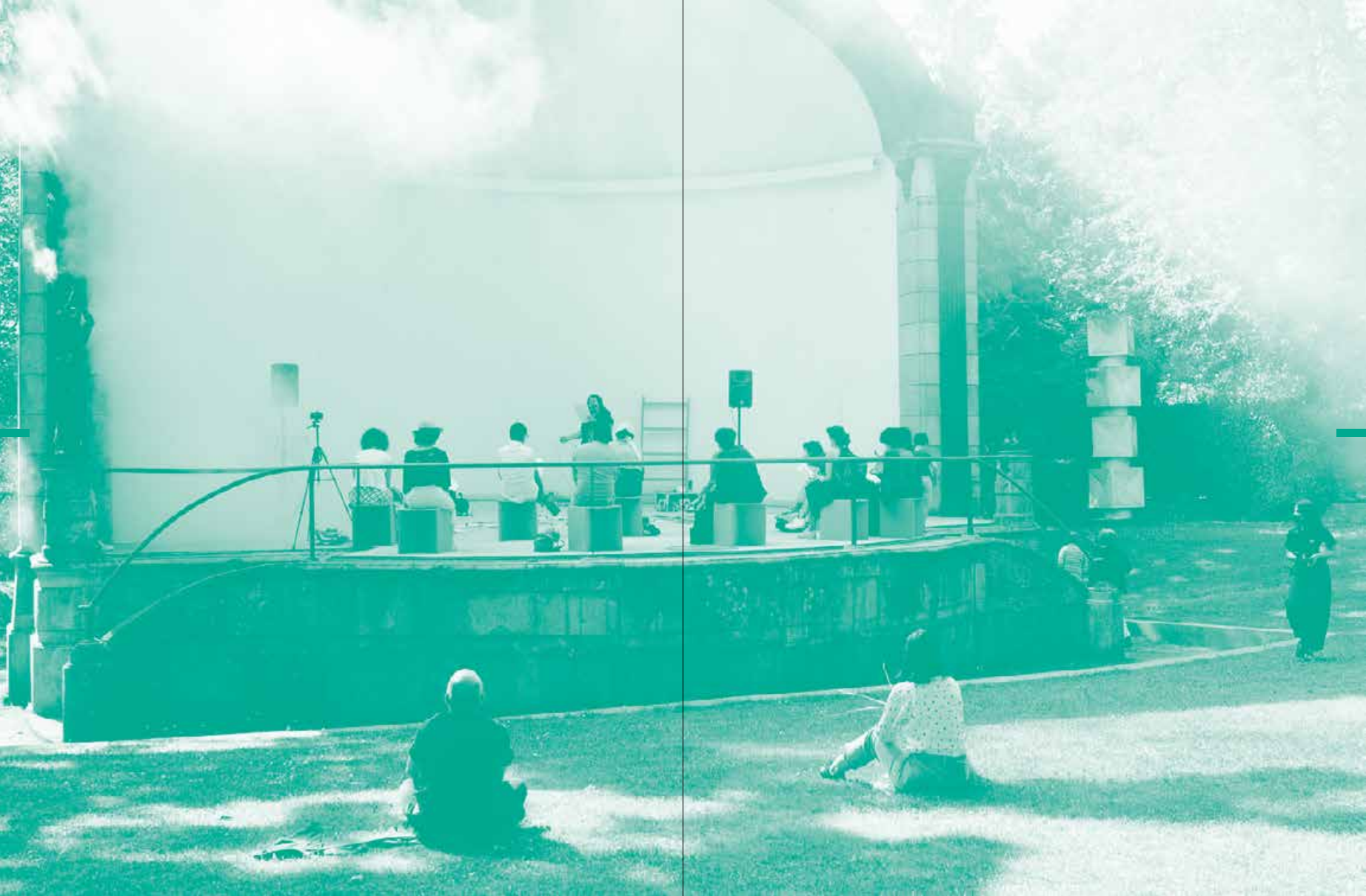
Percurso para os Jardins

CÍRCULO DE LEITORAS PERIPATÉTICAS

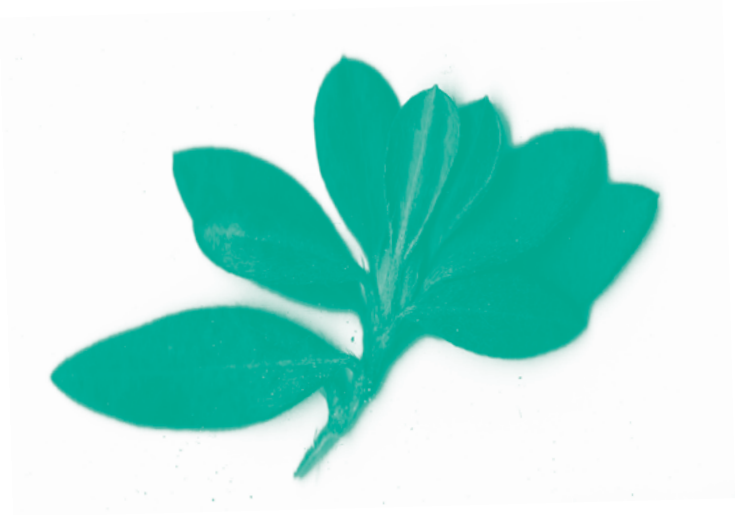
As árvores, as raízes, as flores, as conchas, as estátuas, as fontes, as caminhadas, as silenciadas, a relva, a erva daninha, o pavão, o jardim, a natureza, a experiência, a mudança, a justiça, a renovação. CLP — Círculo de Leitoras Peripatéticas propõe uma leitura animada por palavras, imagens, música, sons e outros aditivos, que ganham raízes na Concha Acústica, mas que nos levam pelo Jardins por meio de três narrativas, três percursos distintos que acabam por se encontrar e cruzar caminho. O elo comum é deitar abaixo as musas-estátua sem voz, remexendo o fundo do lago e revelando as histórias de mulheres criadoras, literatas, botânicas, artistas, cantoras. No final, o baile é no fundo do mar à roda da concha.

"Um jardim na biblioteca e a revolução poética das plantas". Ao longo de seis atos lidos na Concha Acústica — que faz parte do desenho oitocentista dos Jardins do Palácio de Cristal — foram encenadas doutrinas da Academia, especulações botânicas, experiências mágicas que resultaram de uma residência vivida durante um mês pelas leitoras do CLP.

Partilhamos algumas transcrições de todo um documento literário que pode ser lido no Jardins, em formato fanzine, ou consultado no website do ping!.



Ato II — um exemplar da espécie *Salix babylonica, um Brachychiton populneus*: onde se propõe um mito, livros míticos e uma mística como chaves para um Novo Tratado do Enxerto Humano-Botânico, uma proposta de adenda, ou penso rápido, ao Acordo de Paris.



Ato III — um exemplar da espécie *Salix babylonica*, um *Brachychiton populneus*: onde (ainda) se escuta, em cada homem, um herói em potência, em cada mulher, um ser que vegeta. Para de seguida, chegar a outras máximas: vegetar, ganhar raízes e alegremente esticar os ramos, em tempos de contração de movimentos, só podem ser competências invejáveis. Afinal, *heroes are so passé*.


acto

Ato IV — dois exemplares da espécie *Ginkgo biloba* e uma *Araucaria heterophylla*: onde se desmonta o medo por tudo o que representa o feminino e, por extensão, o estrangeiro, o estranho, o outro. Para mais tarde, no bosque, chegarmos à conclusão de que este Jardim é uma selva e cada mulher uma selvagem.

Este percurso performativo realizou-se a 10 de junho 2021.

as raízes
que puxam nossos pés
de volta para a terra
foram plantadas
por nós
ontem

as que plantamos amanhã
sustentaram o céu dos de antes

a lição é desaprender tempo
e contar terra

Seleção de *IXÉ YGARA VOLTANDO PRA' Y'KÛÁ*
(*sou canoa voltando pra enseada do rio*) de Ellen Pirá Wassu, 2021

INTO THE WILD: UM WORKSHOP E UM GUIA PARA OS CORPOS E A CIDADE QUE ELES CRIAM

María Auxiliadora Gálvez

O fluxo de dados que atravessa os nossos corpos é maior do que a nossa consciência consegue processar. As palavras não são o principal meio de comunicação quando estamos na natureza. Em vez disso, os nossos corpos aprendem a reagir ao ambiente, tornando-se mais conscientes de uma ecologia do sensual, prestando atenção ao que está em contacto com a nossa pele. Os nossos sistemas de cognição não-consciente determinam um fluxo contínuo de interações com e reações ao ambiente e com os nossos companheiros cognoscentes, como os animais e as plantas. Os marcadores e processos somáticos podem revelar uma consciência corporal alternativa e as imagens corporais que lhes estão associadas, capazes de alterar a nossa perceção, mas também o significado que damos às nossas experiências. O resultado é uma reformulação dos limites e da definição de corpos e ambientes. A natureza selvagem surge neste workshop a partir de uma perspetiva diferente dos nossos corpos urbanos e estes corpos constroem outra cidade.

> *A natureza selvagem consiste em perder o medo de estar em contacto... à la intempérie.*

INTO THE WILD é uma imersão na dinâmica do feroz e do abandono, numa cidade interespécies e nos corpos emergentes daí resultantes, assim como nas práticas que estes são capazes de realizar. Os Jardins do Palácio de Cristal no Porto são especialmente pertinentes para esta pesquisa incorporada, uma vez

que abrigam na sua memória um passado colonial que pode ser confrontado com o conhecimento que os corpos emergentes e as áreas selvagens abandonadas nas proximidades podem revelar. Mas sugerimos que levem esta sabedoria e consciência para outras geografias: este guia irá acompanhar-vos.

1. INCEPTION

No início, fazemos uma análise. Analisamos os nossos corpos e os seus imaginários. Analisamos a cidade e as suas imagens, e a nossa co-constituição.

Fique de pé num sítio onde possa alcançar um horizonte urbano profundo. Feche os olhos e sinta como se encontra de pé. Concentre-se no seu contacto com o solo. Concentre-se na sua respiração.

Abra os olhos e observe o horizonte: caminhe com a visão das zonas mais próximas até às mais distantes.

Agora, estenda o braço à sua frente. A sua mão está à altura do seu ombro. E, assim, cria uma linha imaginária que liga o seu nariz à ponta dos dedos, de modo que a cabeça e a ponta dos dedos rodem simultaneamente para um lado e para o outro. Enquanto realiza o movimento de um instrumento de análise, vire-se para a direita apenas até ao local que consegue alcançar confortavelmente... e volte lentamente até ao ponto de partida, olhando para a frente.

Repita o movimento prestando atenção a diversos pormenores do horizonte e ao mesmo tempo tendo consciência do seu corpo.

2. NOCTURNAL GARDEN

A escuridão atuará como uma ferramenta para revelar as ecologias queer da vida onde as taxonomias não são tão claras. Um passeio noturno leva-nos a uma zona da cidade com jardins de inverno antigos. Aí desenvolvemos várias experiências somáticas, leituras, narrativas coletivas e contributos teóricos que terminam num ambiente experimental e participativo num dos jardins de inverno e na sua vida vegetal.

Há muito a aprender com os jardins noturnos.

À noite, as categorias tornam-se indistintas. Os corpos fundem-se. Os sabores provocam tonturas e todos os nossos preconceitos desaparecem. Criam-se novas ecologias. Nada é artificial, nada é natural, tudo tem voz e os processos são realizados com prazer.

Há muito a aprender com os jardins noturnos.

A visibilidade é uma armadilha, tudo aparenta ser claro. A escuridão faz-nos duvidar para que surjam realidades novas e essenciais. A cor desenha os organismos. Cresçamos com a cor, desenhemos as nossas transformações somáticas através da noite. A cor é um instrumento político para fazer crescer a panarquia.

Há muito a aprender com os jardins noturnos.

3. ANIMAL BODY

Nunca fomos humanos. As nossas classificações atuais do mundo foram desenvolvidas no século XVIII e tiveram profundas implicações culturais e sociopolíticas. Através da experiência somática do nosso corpo interespécies podemos ser imersos numa configuração alternativa destas classificações que normalmente são tomadas como garantidas. Entramos na capela... e a experiência dá lugar a um ambiente participativo, organizado como uma instalação de arte. Após esta imersão, a consciência da nossa carne animal é explorada através da utilização de ferramentas como desenhos com marcadores de tatuagens temporárias.

Nunca fomos humanos. Tenham consciência do vosso corpo animal.

4. (E)MERGING BODIES

Após este processo, surgem e fundem-se novos corpos nas margens. Um passeio pelas zonas mais selvagens das proximidades abrirá um novo horizonte de sinergias. Estes novos corpos são capazes de albergar diferentes órgãos sensoriais e associações e implicações políticas divergentes. Uma cidade alternativa cresce a partir destes corpos e das suas práticas, revelando ativismos somáticos...

Este workshop decorreu de 20 a 23 de julho e contou com uma apresentação a 21 de outubro 2023.

BIBLIOGRAFIA

AYDEDE, Murat, Philip Robbins. *The Cambridge Handbook of Situated Cognition*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2009.

BARDET, Marie; Joanne Clavel; Isabelle Ginot. *Écosomatiques. Penser l'ecologie depuis le geste*. Montpellier: Deuxième Époque, 2018.

CASTORIADIS, Cornelius. *La Institución Imaginaria de la Sociedad*. Barcelona: Tusquets Editores, 1983 (Edição original 1975).

COCCIA, Emanuele. *Métamorphoses*. Paris: Bibliothèque Rivages, 2020.

DIJSTELBLOEM, Huub. *Borders as Infrastructure. The Technopolitics of Border Control*. Cambridge, MA e Londres: The MIT Press, 2021.

FELDENKRAIS, Moshe. *Awareness Through Movement*. Nova Iorque: Penguin, 1972.

HARAWAY, Donna J. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

LEVITAS, Ruth. *Utopia as Method*. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.

MARGULIS, Lynn. *Symbiotic Planet. A New Look At Evolution*. Nova Iorque: Phoenix, 2013 (Edição original 1998).

MORIZOT, Baptiste. *Maneras de estar vivo. La crisis ecológica global y las políticas de lo salvaje*. Madrid: Errata Naturae, 2021.

MORTIMER-SANDILANDS, Catriona; Bruce Erickson (Eds.). *Queer Ecologies. Sex, Nature, Politics, Desire*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

NEIMANIS, Astrida. *Bodies of Water. Posthuman Feminist Phenomenology*. Londres: Bloomsbury Academic, 2017.

RAFANELL I ORRA, Josep. *Fragmentar el mundo*. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2018 (Edição original 2017).

WESTON, Kath. *Animate Planet. Making Visceral Sense of Living in a High-Tech Ecologically Damaged World*. Durham, N.C.: Duke University Press Books, 2017.

WILSON, Edward O. *Every Species is a Masterpiece*. Londres: Penguin, 2021 (Edições originais de textos nesta publicação: 1993, 1996, 2000).

acordar

como terra renascida
me acordo

como ser
os primeiros passos
mata me respira
água me flui
raiz me nasce
passado me voa
rio me corre

vida me existe
sou ser

apesar de humano

Ellen Pirá Wassu, 2021

Micorrizas

PENSAR COMO UMA ÁRVORE: ÉTICA E ESTÉTICA RECOMPÕEM OS LAÇOS QUEBRADOS COM A TERRA

Yayo Herrero

Vida
Os cinco elementos – V e um último

Podemos apontar com mais ou menos facilidade para algo que está vivo, mas já não é tão fácil definir a vida. A água, o ar, a terra e o fogo fazem parte da vida e constituem-na, mas não são vida. Olhando a partir do nosso umbigo, a vida é o período entre o nascimento e a morte. Vista no seu todo, a vida é uma tremenda e incrível raridade que dura há cerca de três mil e oitocentos milhões de anos. Maturana e Varela dizem que podemos saber que algo está vivo quando é capaz de criar, reparar, manter e modificar a sua própria estrutura, recolhendo substâncias do meio ambiente e expulsando o que sobra. Esta característica é chamada autopoiese, que significa autoprodução. A autopoiese é a propriedade básica e distintiva dos seres vivos. Quando não a cumprem, é porque estão mortos.

A vida surgiu na Terra há cerca de 3.800 mil milhões de anos. Primeiro surgiram os microrganismos anaeróbicos, que não precisavam de oxigénio. Cerca de mil milhões de anos mais tarde, surgiram as cianobactérias, que tinham a capacidade de utilizar a luz do Sol para a sua alimentação e produzir oxigénio como produto residual. Pouco a pouco, estas bactérias foram mudando a composição do ar, da água e do solo. A biota – o conjunto dos seres vivos – foi criando as condições ideais para a vida na Terra tal como a conhecemos hoje. Coevolui e regula o ambiente.

Baseando-se nestas premissas, James Lovelock e Lynn Margulis formularam a Hipótese Gaia. A partir daí, ambos demonstraram que aquilo que a ciência tratava separadamente – os seres vivos, os oceanos, a atmosfera, o clima, os solos... – formava uma realidade indivisível.

A vida como um todo é um sistema complexo que se autoconstrói e se autorregula a partir de trocas químicas e sinais térmicos. Juntos, diz Carlos de Castro, o ambiente e os seres vivos formam um sistema global que funciona como se fosse um ente vivo. Gaia seria o sistema ecológico global que funciona organicamente, integrando os seres vivos, as relações entre eles e entre eles e a terra, a água e o ar, a partir do "fogo" do sol. Autorregula-se através de uma série de complexos ciclos interdependentes – água, carbono, fósforo, azoto... – que funcionam a ritmos diferentes (de segundos a milhões de anos) e a diferentes escalas espaciais (microscópicas, regionais ou globais).

O sol é o motor da vida. É uma estrela que se formou há cerca de 4.600 mil milhões de anos. Tecnicamente, é uma anã amarela, e continuará a sê-lo por mais ou menos outros cinco mil milhões de anos. Depois disso, tornar-se-á um gigante vermelho e engolirá as órbitas atuais de Mercúrio, Vénus e da Terra. A Terra e a vida giram à volta do Sol. Este movimento regula o tempo e o calendário dos seres vivos. A sua energia sustenta quase todas as formas de vida concretas e faz com que o sistema funcione

no seu conjunto. Se o Sol é a energia, a fotossíntese é a tecnologia básica da vida. Fascina-me a fotossíntese. É surpreendente que, naquela sopa primordial de células em interação, de repente, algumas delas tenham começado a converter a luz solar e minerais mortos no seu corpo vivo enquanto expulsavam, como um resíduo, o oxigénio para a atmosfera.

Eu, ateia, imagino desta forma a química da ressurreição. Num solo, a matéria orgânica de seres vivos mortos é convertida por microrganismos em minerais inertes. E as plantas fotossintetizadoras voltam a converter os mortos num corpo vivo... Faltam, parece-me, muitos poemas sobre a fotossíntese.

A vida organiza-se em rede. Os produtores primários produzem o seu próprio corpo que serve de alimento aos herbívoros que, por sua vez, são o alimento para os carnívoros. Os decompositores alimentam-se da morte de todos os anteriores. As relações entre produtores, consumidores (herbívoros e carnívoros) e decompositores regulam os ciclos em que a matéria é reciclada. Transferem entre si a energia do Sol, que só pode ser captada pelos produtores primários. Em cada transferência de energia, a maior parte é perdida. Todos, absolutamente todos os seres são comidos, vivos ou mortos, por outros seres vivos. Podemos estar certos de que cada partícula que compõe a matéria do nosso corpo já foi uma vez uma flor, uma pedra, um arado, um lápis, um besouro, um canhão ou uma borboleta.

Lynn Margulis diz-nos que a vida não conquistou o planeta através do combate, mas sim através da cooperação. As formas de vida multiplicaram-se e tornaram-se mais complexas, associando-se a outras, sem as matar. As células eucarióticas — as mais complexas — formaram-se a partir da união simbiótica entre células procarióticas. Os animais e as plantas são compostos por células eucarióticas e, se essa união não tivesse acontecido, a vida seria provavelmente constituída apenas por um conglomerado de bactérias.

Lynn Margulis formulou a Teoria da Simbiogénese, que defende que são as relações simbióticas, mais do que as mutações genéticas aleatórias, as responsáveis por grandes mudanças evolutivas. A cooperação tem sido também uma estratégia adaptativa para muitas espécies. Aves que compartilham, mabecos que cuidam da sua prole em conjunto, vampiros de Azara que doam sangue uns aos outros, pombos-torcazes que caçam em bandos, bonobos que se organizam em sociedades matriarcais pacíficas e utilizam o sexo para resolver conflitos, aves que se alimentam dos parasitas de alguns mamíferos... Nós próprios, humanos, somos habitados por milhões de bactérias que cooperam entre si e connosco. No percurso que vai da boca ao ânus, na pele, no nariz, ouvidos, bexiga, vias urinárias e na vagina vivem microrganismos que ajudam na digestão e em outras funções vitais. Em troca, o nosso corpo fornece-lhes habitat e alimento.

Claro que na natureza existem relações de competição e luta feroz, mas as relações de simbiose e cooperação são

fulcrais para que a vida se mantenha. Se a literatura científica tem enfatizado tanto a sobrevivência dos mais fortes, é provavelmente porque estas interpretações encaixam melhor com uma organização social que torna natural e legítima a competição e a exploração de todos os seres vivos pelos que têm mais poder. Talvez seja também por isso que as redes tróficas foram desenhadas sob a forma de pirâmide, com o ser humano no vértice, e não sob a forma de uma rede. Em certa ocasião, perguntaram a Lynn Margulis por que razão a simbiogénese gerava tanta resistência. Ela respondeu, rindo, que para muitos pensar na evolução em termos de cooperação era demasiado feminino...

A diversidade é outro pilar da vida. Há seres unicelulares e outros formados por milhões de células interdependentes; há aqueles que produzem o seu próprio alimento, enquanto outros o obtêm do ambiente; podem respirar oxigénio ou envenenar-se com ele. Alguns voam, outros nadam, saltam, deslocam-se em cadeira de rodas ou andam, e outros não se movem do local onde nascem. Alguns reproduzem-se através do sexo e outros não. A biodiversidade é quase inimaginável à escala humana.

Como se mantém Gaia?

As condições de vida são constantemente afetadas por múltiplas variáveis. O processo que faz com que os seres vivos e as relações entre eles e com o meio ambiente permaneçam mais ou menos constantes é chamado homeostase. Existem mecanismos de realimentação negativa que detetam perturbações e atuam minimizando e amortecendo as mudanças para que o

todo estabilize, regressando à situação de equilíbrio inicial. Os mares e oceanos, por exemplo, absorvem a maior parte do excesso de calor e a maior parte do dióxido de carbono da combustão de combustíveis fósseis, "tentando" restabelecer o equilíbrio climático anterior e abrandando a tendência de aquecimento causada pelo aumento da concentração de gases com efeito de estufa. Porém, se a perturbação for muito grande, os mecanismos de retroalimentação negativa deixam de funcionar e outros mecanismos de realimentação positiva são acionados, o que amplia os efeitos da perturbação, distanciando muito mais todo o sistema do equilíbrio. Exemplo disso são as emissões de metano que escapam do permafrost quando este degela devido ao aquecimento global, o que aumenta a concentração de gases com efeito de estufa e amplifica o aquecimento.

Quando as perturbações ultrapassam um dado limite, pode originar-se uma série de alterações bruscas e em cadeia que, a partir de um momento chamado ponto de bifurcação, levam à desorganização e ao colapso do equilíbrio inicial e à configuração de uma nova situação imprevisível, em que o acaso determina o resultado final. Kaufmann afirma, por isso, que a vida se desenrola entre a estrutura e a surpresa. A surpresa soa sempre sugestiva, mas quando nos referimos a forçar a mudança das variáveis biofísicas às quais a nossa espécie está adaptada, as novidades são inquietantes.

A vida que prosperou e se sustentou na Terra nos últimos milhares de milhões de anos é solar, cíclica, diversificada, interconectada e cooperativa. Nós, humanos, somos recém-chegados a esta aventura planetária. Cada espécie dura em média cerca de cinco milhões de anos e depois desaparece. A nossa encontra-se em Gaia há cerca de duzentos mil anos e teremos de trabalhar arduamente para atingir a esperança de vida média de outras espécies.

A civilização industrial é energívora, petrodependente, vertiginosa, extrativista, homogeneizadora, geradora de resíduos incomensuráveis e competitiva. A cultura capitalista construiu uma "normalidade" que choca com a realidade que sustenta a vida. A economia hegemónica é ecologicamente analfabeta e as subjetividades e imaginários que promove estão separados da realidade material do planeta. Aqueles de nós que vivem na bolha do progresso, esqueceram que somos uma espécie viva. Ainda que a ciência nos explique que o universo, a natureza e os nossos corpos não se comportam como o grandioso relógio que Newton enunciou nos finais do século XVII, a nossa civilização continua a agir como se os territórios fossem apenas depósitos e lixeiras à disposição da parte privilegiada da humanidade, como se as vacas fossem máquinas que transformam a erva em carne, os rios tubagens de água e as pessoas mão de obra. Olhamos para a natureza de alto e de fora, como se se tratasse de uma máquina inerte e previsível.

Declara-se que a liberdade vem depois de se ultrapassar o reino da necessidade, mas a necessidade em seres autopoiéticos e carentes de cuidados nunca é ultrapassada. Temos de aprender a viver livremente, sabendo que somos inerentemente ecológicos e interdependentes. O progresso, contudo, foi construído sobre a fantasia da separação prometeica da natureza e dos corpos. A negação da nossa condição de seres da Terra, vulneráveis, e um a um finitos, é apenas uma grande ilusão que acaba por modificar irreversivelmente o ambiente do qual depende a nossa própria sobrevivência.

Depois de aplicar durante décadas à natureza viva a lógica das coisas mortas, estamos a cair na realidade. Aquecimento global, perda de biodiversidade, superação da biocapacidade da Terra, contaminação do solo, do ar e da água, zoonoses, proliferação de doenças, pandemias, desigualdades, feminicídios, exploração, expulsões... Desenvolvimento em carne viva. Após alguns séculos — e sobretudo nas últimas décadas — agindo como se a organização material da vida humana flutuasse sobre a Terra e os corpos, ocorre um choque violento entre o geopolítico e o geofísico e desaba a base fundamental da episteme moderna: a falsa distinção entre a ordem do natural e a ordem dos seres humanos. Isabelle Stengers refere-se a este momento como a intrusão de Gaia.

Tudo muda, mesmo que não queiramos vê-lo, no momento em que a emergência planetária surge como um assunto histórico, sem intencionalidade ou finalidade, mas com

diligência, intervindo em tudo o que é político. Apesar de não fazer sentido politizar a ecologia, é essencial que a política seja ecologizada. Deveria ter sido sempre assim. Se os seres da Terra desligados da própria Terra organizam o ar, a água ou o resto da vida, eles perturbam tudo. Já não se pode pensar em justiça ou direito sem ter em conta a irreversível intrusão de Gaia. A maior habilidade dos negacionistas com poder é fazer as pessoas acreditarem que ela não existe. Entretanto, adaptam-se vantajosamente ao que está para vir, desperdiçando enormes retalhos de vida, incluindo a vida humana.

Nós, os que sonhamos com um mundo habitável para todos no futuro, temos o desafio de não fugir a esta realidade e de tentar incansavelmente colmatar o fosso brutal entre o conhecimento científico e a impotência política. Magufo é o nome dado àqueles que propagam discursos contrários à ciência, mas que não conseguem provar a sua validade. Acredito que muitas das opiniões da economia convencional são puras "magufadas". A economia converteu-se numa verdadeira religião civil que exige sacrifícios humanos, vegetais, animais e minerais e nega o futuro à maioria dos seres humanos. A vida começou numa sopa primordial, mas, como diz Naredo, uma economia que cortou o cordão umbilical com a Terra, transforma-a prematuramente numa papa crepuscular.

Em psiquiatria e psicologia, o delírio é uma crença que é vivida com profunda convicção, apesar das evidências darem provas em contrário. Penso que é seguro dizer que a

economia convencional é um delírio. Persiste em crescer indefinidamente numa base física que tem limites. É um apóstata da ciência. Não recua nem reconhece o fracasso, embora esteja a causar um vertiginoso ecocídio e não tenha sido capaz de cumprir as suas próprias promessas de bem-estar generalizado. É um delírio em guerra com a vida.

Não há nenhum organismo vivo em estado livre que não dependa de outros e do seu ambiente. São muito poucos os que podem viver com o privilégio de o ignorarem, mas este sujeito acaba por se erguer como sujeito universal e tem o poder de definir a economia, a política ou a cultura... São maioritariamente as mulheres – não por essência, mas por imposição – outros territórios, outros povos e outras espécies, em suma, toda a vida, quem suporta as consequências ecológicas, sociais e quotidianas desta suposta independência. Não é mais do que uma forma de parasitismo que espreme outras vidas, o solo, a água e o ar, concebendo-os como algo externo, subordinado e instrumental que viola a natureza, viola o nosso corpo e o dos outros. A violência é o negativo da ternura.

Ouvimos muito nestes tempos pandémicos que a espécie humana é a pior, que é uma praga, um vírus. Não creio nisso. Os seres humanos são capazes de fazer o pior e o melhor. Combatem, mas também cooperam. Inventaram a bomba atómica, mas também inventaram a música, a poesia e, por vezes, transformam as carícias numa forma de arte. Não somos, individualmente, as células cancerígenas: é o comportamento

coletivo que tem gerado uma civilização patriarcal, capitalista e colonial que acabou ecocida e injusta. Não estamos perante o suicídio da humanidade, mas sim perante o assassinato de muita vida às mãos de uma parte da humanidade. É verdade que todos nós temos responsabilidade – e, portanto, a capacidade de mudar – mas são responsabilidades assimétricas. Como dizia Silvio Rodríguez, a ordem de fogo é dada por dissidentes do povo, do sonho e da vida que não é virtual. A vida é uma questão de relações.

Em *A Era da Empatia*, Frans De Waal afirma que, à exceção de uma pequena percentagem de psicopatas, ninguém é emocionalmente imune ao estado das outras pessoas. A seleção natural concebeu os nossos cérebros para estar em sintonia com outros cérebros, para não gostar do seu descontentamento e para ficar satisfeito com o seu prazer. Empatia com todos os seres vivos. Dizem-nos frequentemente que "preferem os animais às pessoas". Na verdade, não é incompatível amar as pessoas e também os animais, espigas de milho, montanhas, árvores e água.

Sei que o conhecimento, sabendo que somos a própria vida, não conduz necessariamente à ação. Tal como ter experiência de classe não gera automaticamente consciência de classe, sabermo-nos parte de uma rede viva, por si só, não gera consciência de espécie ou de pertença à Terra. Mas sem ser uma condição suficiente, penso que é uma condição necessária. O analfabetismo ecológico, mais acentuado quanto mais especializada

for a formação, é um enorme obstáculo à reconstrução de laços desfeitos com a natureza e entre as pessoas. Qualquer pessoa devia ter o direito e a obrigação de saber o que é que lhe permite existir: o Sol como motor da vida, as florestas como pulmões do planeta e bibliotecas da diversidade, a fotossíntese como "tecnologia" central da existência, as bactérias... A auto-organização e cooperação como estratégias de adaptação e sobrevivência, o funcionamento cíclico em rede de todos os seres vivos, a existência de limites, o trabalho de assistência como uma questão essencial que exige corresponsabilidade.

Enfrentar a crise ecossocial exigirá que superemos a fantasia da individualidade e estimulemos uma imaginação bem fundamentada na Terra, nos corpos e nas suas necessidades. Uma imaginação que nos permita olhar para o capitalismo a partir do exterior, mesmo estando nós dentro. Este "exterior" pode ser Gaia, como um ponto excêntrico a partir do qual se pode torcer o braço do dinheiro. A partir daí, podemos construir uma Nova Cultura da Terra.

Podemos, como nos lembra Viveiro de Castro, aprender também com os povos que nunca foram modernos porque nunca tiveram uma natureza externa e estranha e, portanto, não a perderam nem precisam de se livrar dela. Exigirá estimular pedagogias, racionalidades e emoções que favoreçam relações simbióticas centradas na suficiência e na partilha; que tornem o comum e o cuidado um princípio político e que envolvam todas

as pessoas, tanto no campo dos direitos como no das obrigações. Algo semelhante à razão poética de María Zambrano.

A chave é construir uma comunidade com consciência de classe, de espécie e de pertença à vida. No fim de contas, como diz Galeano, "viemos de um ovo mais pequeno do que uma cabeça de alfinete, e habitamos uma pedra coberta de água e rodeada de ar que gira à volta do fogo de uma estrela anã amarela. Fomos feitos de luz, de terra, bem como de carbono, hidrogénio e merda e morte e outras coisas, e no fim, estamos aqui, desde que a beleza do universo precisou de alguém que a contemplasse".

Esta conferência decorreu a 1 de julho de 2021, com moderação de Marta Lança.

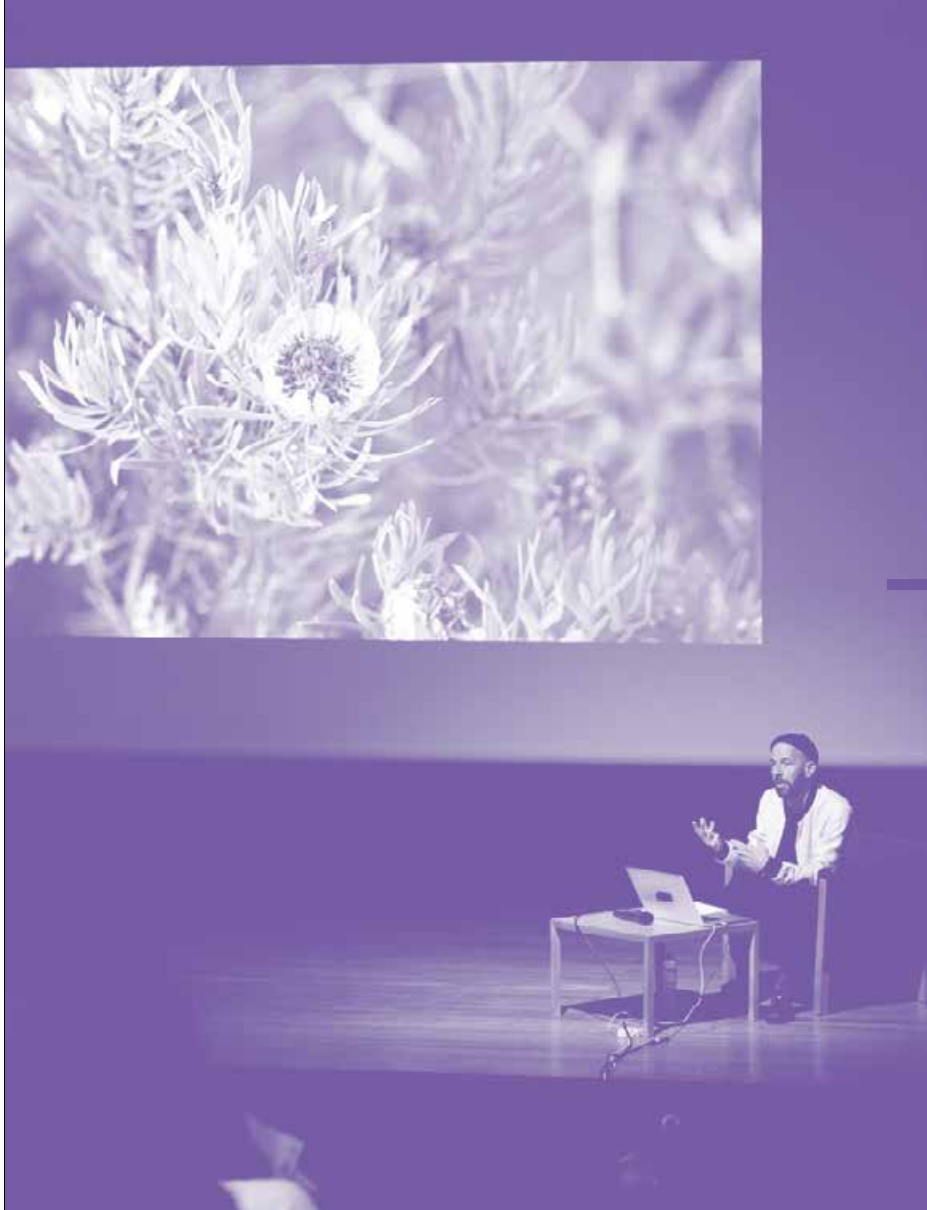
O texto "Vida" integra a coletânea de artigos "Los Cinco Elementos" e foi publicado a 27/08/2020 (Y V) na revista online "CTXT Contexto y Acción" . Versão original em: https://ctxt.es/es/20200801/Firmas/33195/vida-yayo-herrero-naturaleza-pandemia-crisis-ser-humano-ecologia.htm

Assembleia das Plantas

URIEL ORLOW

Este workshop resulta de uma residência de investigação que o artista realizou nos Jardins do Palácio de Cristal, para dar lugar a uma interpretação sobre as implicações políticas, curativas e históricas da relação entre humanos e plantas. Foi constituído por dois momentos ligados entre si, criação de um projeto artístico e uma exposição coletiva dos participantes.

Conversa com as Folhas, o artista Uriel Orlow falou sobre alguns dos seus projetos artísticos recentes que olham para o mundo botânico como palco para a política e a história: árvores como testemunhas, a migração das flores, nacionalismo botânico, jardins como ferramentas de resistência e testes de plantas medicinais para o neocolonialismo — estes são alguns dos temas sobre os quais Uriel Orlow tem debruçado a sua investigação artística. O artista parte de lugares específicos e micro-histórias como pontos de partida para conversas sobre os emaranhados das plantas humanas, criando obras nas quais as plantas são, simultaneamente, narradoras e protagonistas.



A exposição *Assembleia das Plantas* teve lugar numas antigas estufas onde foi apresentado cada projeto anteriormente desenvolvido com a orientação de Uriel Orlow. Da coloração com plantas tintureiras encontradas nos Jardins, a leituras performativas de autores sci-fi. Da partilha de diários de bordo com caminhadas por vazios urbanos da cidade, a um levantamento do uso de flores artificiais colocadas no espaço público. O momento foi aberto à participação do público e visitantes curiosos que passeavam pelos Jardins do Palácio de Cristal.

Este workshop decorreu de 14 a 16 de outubro 2021 e contou com uma apresentação a 9 de abril de 2022.

estamos escrevendo os livros que deveríamos ter lido
estamos retirando palavras do chão batido
estamos acordando canções ancestrais,
raiva e amor contido
por amor a nós mesmos
gente

não do Primeiro Mundo,

mas dos Mundos Primeiros.

Ellen Pirá Wassu, 2021

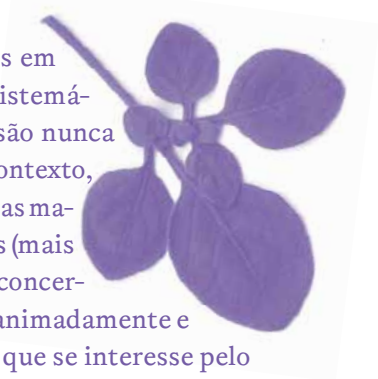
A GRANDE SUCESSÃO

Landra

Em 2021, quando acabámos o curso de microbiologia da Terra, começámos logo a fazer pequenas experiências com sonificação de micro-organismos. Para a Bienal de Arte Contemporânea da Maia, a desafio do curador José Maia, apresentámos pela primeira vez trabalho no qual atribuíramos sons a imagens microscópicas, ainda que de uma forma um tanto quanto bruta e brincalhona. A partir de então, ficou aberto o caminho para o desenvolvimento de uma das principais linhas do nosso trabalho, a que chamamos "A Grande Sucessão".

Como o título indica, estamos a falar de uma sequência extremamente extensa de eventos sucessivos. Basicamente, começámos bem lá atrás, com o *Big Bang*, e percorremos o caminho que, neste planeta, a vida fez (e continua a fazer) até cobrir quase por completo a superfície terrestre com florestas milenares. Essa é a Grande Sucessão; o processo que leva as coisas simples a complexificar-se. Estudar o caminho da vida – este incessante galopar em direção a estados de resiliência – ensina-nos muitas coisas sobre a nossa própria condição e sobre o nosso lugar como espécie, como conjunto de corpos animais neste planeta. Contar histórias, estar ligado, ouvir e ver de forma verdadeiramente autêntica ajuda a compreender o mundo. É por isso que, na Grande Sucessão, damos sons e imagens aos micro-organismos do solo e, eventualmente, às plantas e aos animais que deles emergem. Sentimos, assim, que as suas tramas são reais, tão reais os seus dramas quanto a sua própria existência. Tal como nós, agem, respondem,

atacam, protegem, entrelaçam-se, negoceiam, coabitam, pensam, querem coisas.



Como a narrativa que temos em mãos deriva de um pensamento sistemático sobre a vida, a Grande Sucessão nunca está terminada. Por isso, em cada contexto, temos contado esta história de muitas maneiras diferentes. Damos palestras (mais ou menos performativas), fazemos concertos comentados, ou conversamos animadamente e sem formalidades com quem quer que se interesse pelo tema. Temos produzido peças audiovisuais e instalações com traduções de imagem para som cada vez mais sofisticadas e integradas. O trabalho de consultoria com agricultores e horticultores ou o estudo paralelo de projetos de remediação e regeneração de solos também tem informado muito o nosso processo criativo. Os discursos adaptam-se; a técnica, a ética e a estética ficam, em conjunto, mais apuradas. Eventualmente, a comida entrou como ponto fulcral para o projeto e, cada vez mais, temos incluído momentos em que se confeccionam e se comem alimentos durante os eventos.

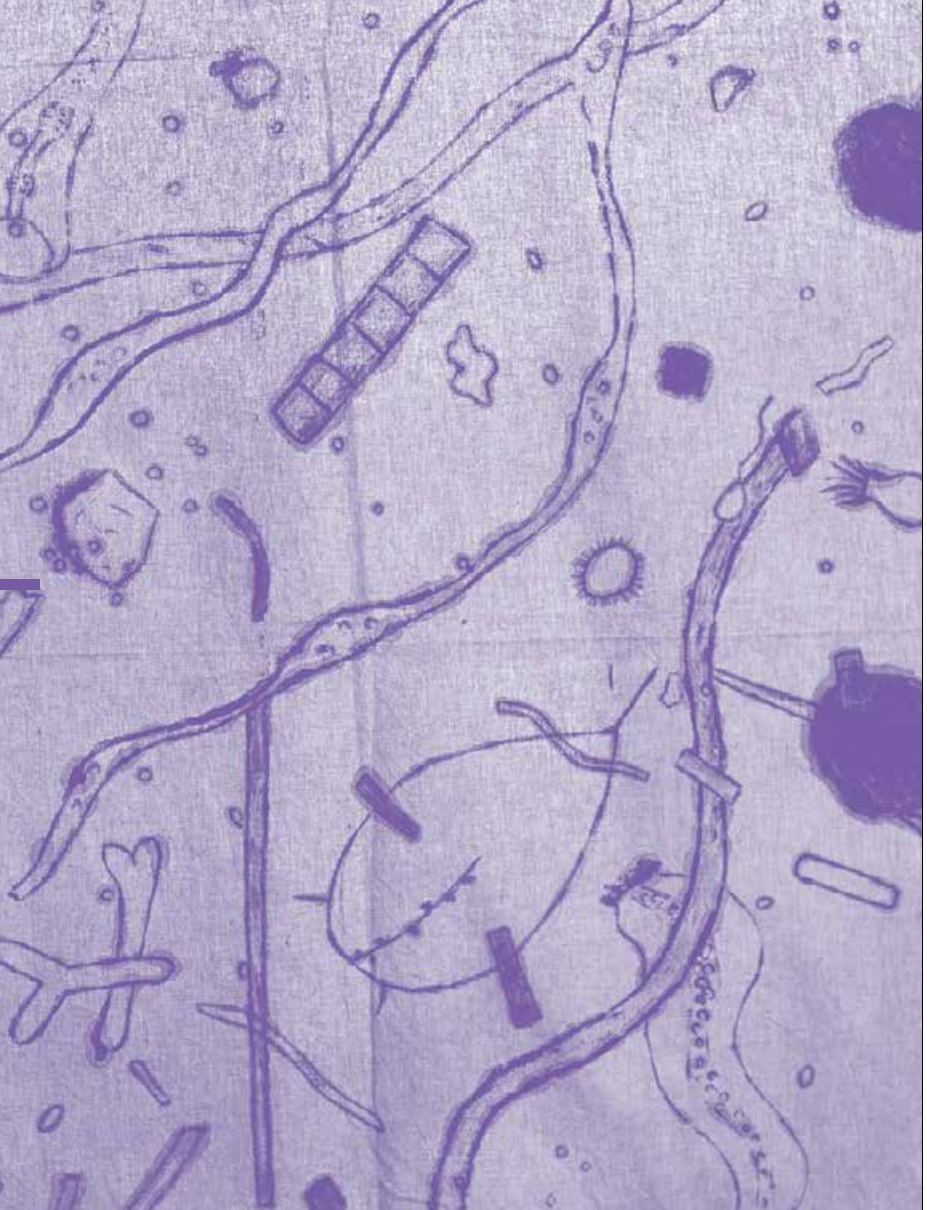
Em 2023, o ping! convidou a Landra a desenvolver um projeto educativo ao qual demos o nome Escola Terra. Trabalhámos com estudantes de uma escola do Grande Porto e a Grande Sucessão serviu, desta vez, como enquadramento para o estudo da ecologia através de práticas artísticas e o conhecimento científico. Dividimos o fenómeno da sucessão

ecológica em quatro partes consecutivas e, sessão a sessão, os alunos foram entrando no mundo da ecologia aplicada em atividades exploratórias fora da sala de aula ou através de peças de som e ações como o desenho, análises microscópicas e muita discussão. No final de cada sessão, com as descobertas e ideias bem animadas, criaram-se coletivamente imagens. Como a alimentação é uma parte fundamental na compreensão direta de todas estas teorias, decidimos fazer um piquenique. A Landra e o ping! organizaram um piquenique especial. Os alimentos foram surgindo e saboreados de forma sucessiva, consoante os biomas dos quais emergem, respeitando escrupulosamente a sua ordem de sucessão ecológica e relacionando-se com os espaços verdes do recreio escolar. Ou seja, não há azeite até haver oliveiras, que são espécies arbustivas lenhosas, antes das quais muitas vegetativas anuais terão de aparecer. O sal já é permitido no início, por ser estritamente mineral. Para ilustrar ainda mais todo este processo, produzimos toalhas de piquenique pintadas com temas referentes a cada estádio de sucessão específico. Quatro toalhas, portanto, com o conjunto de micro-organismos presente em cada um dos biomas relativos. Utilizando pigmentos também eles provenientes desses mesmos biomas, pintámos as toalhas com imagens compostas de transposições das próprias criações dos alunos durante os exercícios de desenho. Assim, sobre a toalha certa, a comida certa.

Nos Jardins do Palácio de Cristal, organizámos uma atividade com os alunos onde se procuraram as zonas que melhor

representassem o estádio de sucessão proposto por cada toalha. Para começar, fomos em busca de terra compactada, na qual crescem apenas as mais pequenas pioneiras. O distúrbio constante causa esse recomeço do processo regenerativo. Haverá sempre espécies que estão melhor equipadas para começar tudo de novo. Permanentemente serão essas as espécies a emergir das zonas de utilização intensiva. Foi na Avenida das Tílias que se discutiu sobre alamedas, passeios, arenas, átrios, pátios... áreas em que será sempre esperado o pisoteio ou a montagem e desmontagem de estruturas para outros eventos que acontecem nestes jardins. A comida servida no primeiro estádio era principalmente proveniente de plantas não-micorrízicas, ou seja, que não desenvolvem relações mutualistas com fungos. Estas são as ervas chamadas daninhas, ou ruderais pioneiras, que se adaptam a situações de extrema salinidade, condutividade elétrica e alcalinidade ou acidez desequilibradas. Na ausência de elementos tóxicos, estas pequenas plantas ajudam a regenerar o solo, ao mesmo tempo que nos fornecem grandes quantidades de sais minerais nos seus corpos tenrinhos.

A segunda toalha foi já posta sobre um pequeno prado junto à Concha Acústica. A cobertura vegetal era maioritariamente composta por plantas das famílias *Poaceae* e *Asteraceae*, na qual a humidade já se mantinha com mais



persistência. Houve quem comentasse que a roupa ficava logo molhada ao sentar. Também é por essa humidade, que resiste a evaporar ao pequeno raio de sol e ao mínimo de vento, que muito mais espécies conseguem permanecer neste ambiente. Emergem da semente, crescem vegetativamente, fazem flores, recombinam-se geneticamente e morrem após terem dado pequenos frutos e novas sementes que acabam por se propagar em grandes áreas. Aqui surgem os grãos e a maior parte das leguminosas que consumimos diariamente. Pode dizer-se que há uma grande explosão proteica, totalmente suportada pelo maior desenvolvimento microbiano no solo e especialmente nas raízes destas plantas ligeiramente mais exigentes e socialmente sofisticadas do que as anteriores, conhecidas, nada mais nada menos, por oportunistas.

Em terceiro lugar, fomos dar de frente com os arbustos, muito vigorosos, nas sebes, canteiros e muros que formam a mata romântica dos Jardins do Palácio de Cristal. Embora muitas das árvores tenham sido selecionadas para servirem propósitos ornamentais (como o plátano, o carvalho americano e o castanheiro-da-índia), outras variedades de cada espécie, ou de espécies diferentes dentro dos mesmos géneros e famílias, produzem pequenas bagas, sementes, folhas ou mesmo raízes comestíveis. Neste sítio, o exercício consistia em imaginar que outras plantas poderiam popular conjuntamente um jardim que, ainda mantendo uma certa exuberância estética – muito em voga na arquitetura paisagista do século XIX – produzisse alimento.

Bagas e pequenos frutos fazem bons sumos, patés e fermentados. Os grãos das poáceas, mais exigentes neste estádio de sucessão, são mais ricos em minerais e aminoácidos variados. Os amidos estão presentes em várias espécies com tubérculos ou caules consideráveis. Cada aumento de diversidade constatável à superfície da terra equivale a uma diversificação e densificação da vida no solo. Os fungos, nesta fase, tornam-se tão comuns quanto as bactérias e, por isso, instalam-se camadas de predadores cujas populações podem ser anualmente mantidas pela quantidade de micro-organismos, mais simples, que existem numa outra camada abaixo deles que, por sua vez, se alimentam por excreções que as plantas expelem pelas suas raízes. Com a diversidade de funções, acima e abaixo do solo, dominadas principalmente pelo reino das plantas, os minerais da terra passam a ser amplamente extraídos e, assim, o perfil nutricional de tais biomas torna-se mais diverso e equilibrado, garantindo uma melhor saúde das populações que dependem destes elementos. Como é óbvio, os humanos (mamíferos omnívoros) incluem-se nesse grupo de beneficiários.

Por último, embora na verdade este seja apenas um grande e novo começo, fomos ao encontro da floresta. Nos Jardins do Palácio de Cristal não há uma floresta propriamente dita; no entanto, encontram-se vários exemplares de árvores que figuram em florestas mistas nesta biorregião. Junto ao Lago e por trás da Capela do Rei Carlos Alberto, reunimo-nos por baixo de um sobreiro a apreciar as rugosidades da sua cortiça, as folhas caídas, decompostas e semidecompostas, afofando o chão. O tempo, mais lento, permitiu-nos observar pequenas aranhas e insetos pulando por entre os mais pequenos bocadinhos de matéria à superfície. Sentimos o cheiro da terra, muito diferente, bem arejada e agregada. Ouvimos comentários como "Cheira a cogumelos!".

Efetivamente, tínhamos entrado no mundo dos fungos, no qual quase todas as espécies vegetais passam a ser, obrigatoriamente, micorrízicas. Neste regime, as árvores crescem muito e vivem muitos anos e produzem muita, mas muita lenha. Eventualmente, todos estes elementos lenhosos, acumulados, decompostos e recompostos, recombinam-se com a matéria inorgânica do solo e do ar para se transformarem nos mundos, nos abrigos, nas comidas, e nos próprios corpos de tantas outras plantas, animais e micro-organismos.

Os biomas florestais de folha caduca são incrivelmente produtivos. Com pouca ou quase nenhuma intervenção humana, há sempre comida que é produzida por árvores como castanheiros e carvalhos, nogueiras ou árvores de frutos moles, estas últimas mais comuns nas orlas das florestas. Foi aqui

que comemos fatias de broa de bolota, cozida na Landra, com cogumelos salteados ou barradas com patê de avelã. "Já parece um piquenique à séria" ouviu-se alguém comentar! Sobre as toalhas, repletas de representações de hifas e agregados húmicos, estavam canecas com infusão de bolota.

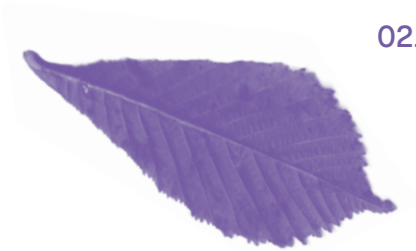
Com este projeto educativo, propusemos uma outra forma de percorrer os Jardins do Palácio de Cristal; uma outra forma de ocuparmos os seus lugares. É habitual fazer-se um piquenique num parque; no entanto, uma merenda que nos conecta epigeneticamente a temporalidades com milhões de anos, é outra coisa! Nenhuma planta, nenhum animal, nenhum ser vivo nestes Jardins está cristalizado, como que sem vida. Plantados ou espontâneos, todos estes seres se encontram num contínuo de transições e maiores ou menores revoluções.

Ao longo das várias etapas deste piquenique, ouvimos excertos da peça sonora que traduz a sucessão ecológica dos biomas terrestres. Essa é a Grande Sucessão.

Convidamos quem leu este texto a visitar os Jardins do Palácio de Cristal e a localizar estes lugares, tentando observar o que foi narrado ao som desta sinfonia da vida de micro e macroescala disponível nos QR codes na página seguinte.

O workshop desenvolveu-se ao longo do ano letivo de 2022/23 e teve lugar no Agrupamento de Escolas de Canelas e uma apresentação nos Jardins do Palácio de Cristal.

01. Avenida das Tílias



02. Concha Acústica

03. Mata

04. Capela Rei Carlos Alberto

Glossário Landra

Amidos
Hidratos de carbono utilizados pelas plantas como forma de armazenamento de energia, geralmente disponibilizados em formatos mais leves, como frutose e glicose, para que essa energia seja conduzida na germinação de sementes.

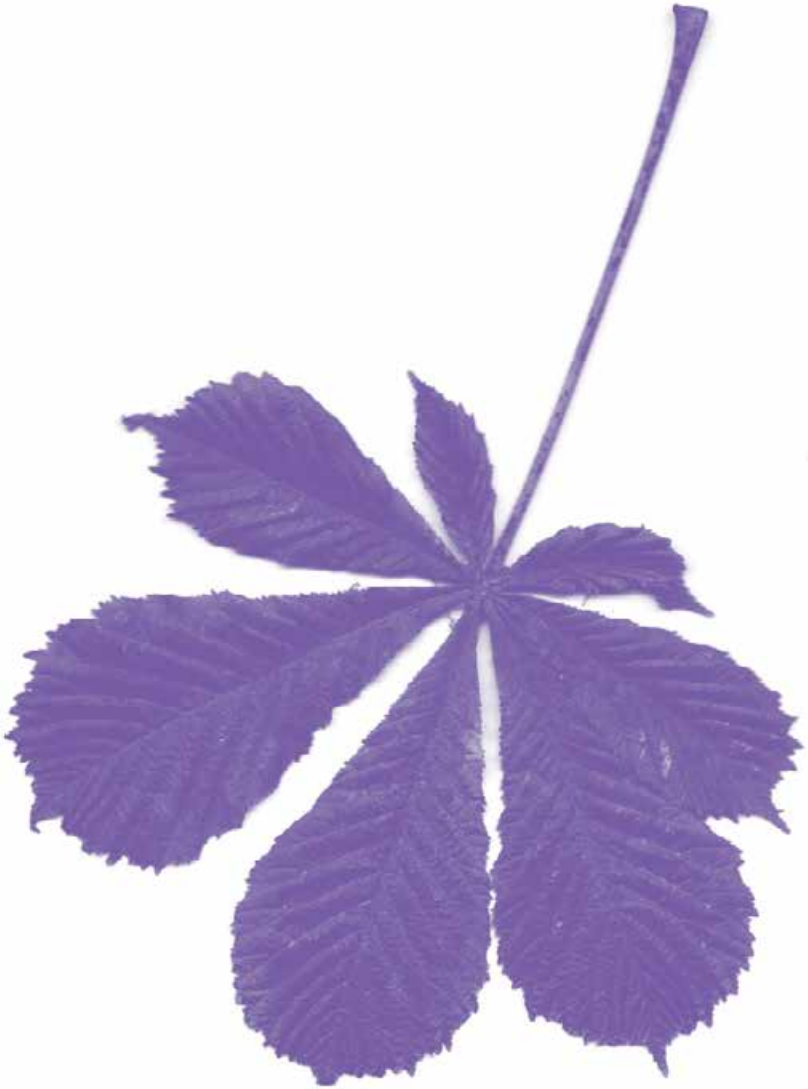
Hifa
Formação tubular que compõe o corpo vegetativo dos fungos. Muitas hifas juntas formam o micélio — parecem pelos brancos visíveis a olho nu —, tipicamente encontrado debaixo de madeiras e pedras em decomposição ou em solos sombreados e húmidos.

Húmico
Complexos orgânicos de cor escura, compostos por grandes concentrações de carbono, geralmente produzidos por fungos sofisticados como reserva de nutrientes em formatos altamente encriptados quimicamente, com o objetivo de proteger os valores económicos contra outras espécies decompositoras incapazes de compreender o código, como por exemplo a maior parte das bactérias.

Micorrizas
Formações simbióticas entre raízes de plantas e hifas de fungos, através das quais a planta fornece açúcares, vitaminas e alguns aminoácidos ao fungo e, em troca, o fungo fornece água e nutrientes minerais solubilizados.

Planta ruderal
Planta capaz de crescer em condições difíceis, nomeadamente em acumulações de inertes ou desperdícios industriais, com quase nenhuma matéria orgânica e possivelmente na presença de agentes tóxicos. Locais habituais podem ser rachaduras de um pavimento ou frestas de muros.

Poaceae e *Asteraceae*
Duas famílias de plantas muito comuns. As poáceas são também chamadas gramíneas, e incluem ervas como o centeio, o trigo, o milho, entre outras. As asteráceas são as plantas que têm flores em forma de astro, como a margarida, a calêndula, ou até as alfaces e serralhas.



Uma ideia leva à outra

GUSTAVO CIRÍACO

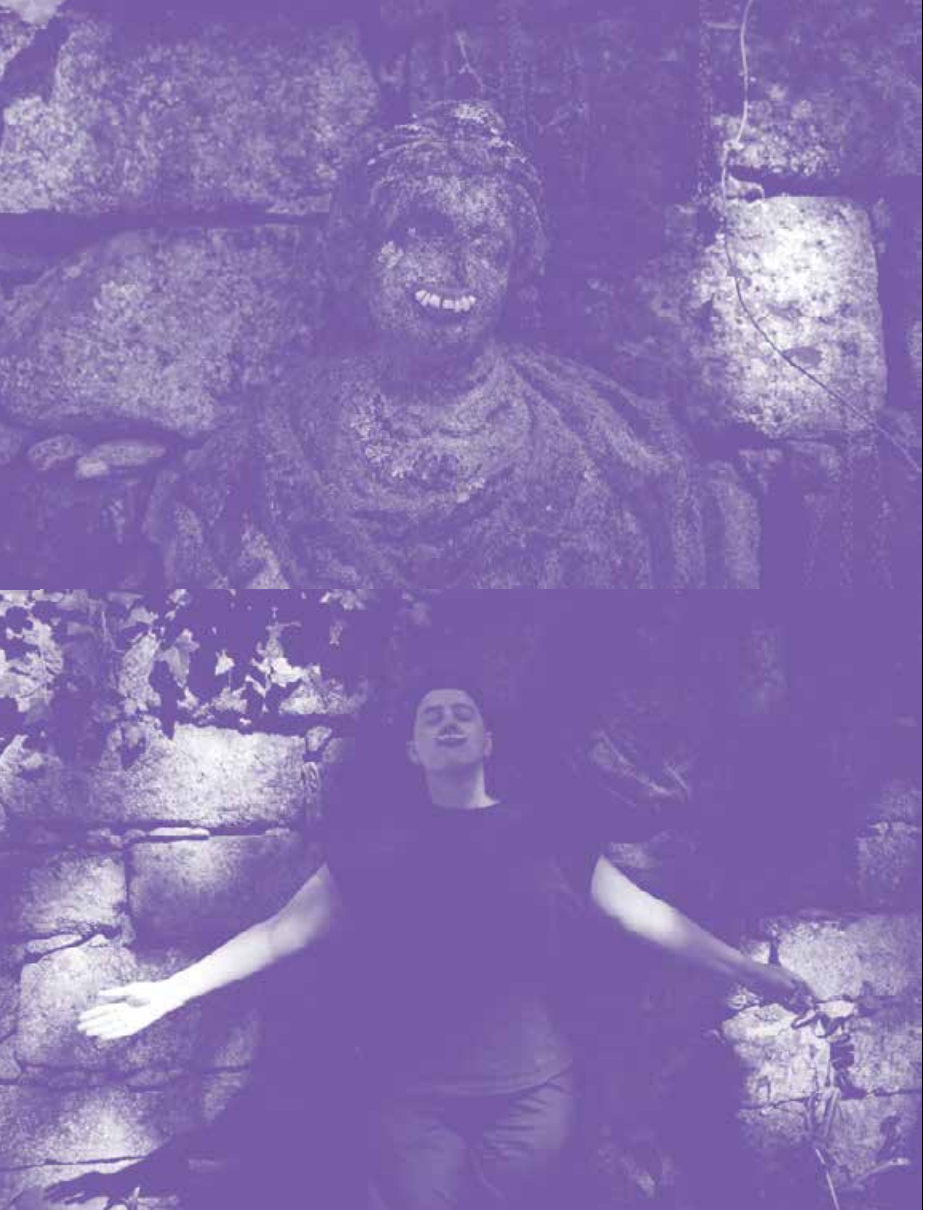
"O ato de associar nas práticas artísticas. O que leva uma coisa à outra? O que levamos de um dia, outros dirão, de uma vida? Como conjugar aquele sorriso que cruzamos na rua com a massa que tenho diante das mãos, ao alcance da imaginação, mergulhando nas matérias do mundo, da oficina, da mesa, do caderno? A poesia de uma fala, a fala de uma voz, a voz de uma época, a época de um assombro, o assombro de um olhar, o olhar de um pensamento, o pensamento da matéria, a matéria do invisível, o invisível do que foge, te encontra, te faz perdurar no tempo."

"Inspirado em artistas e pensadores que encontraram no ensaio a forma das suas potências, o campo da sua lavoura, pretendo compartilhar alguns pensamentos, algumas práticas relacionadas com a paisagem, a sua fruição e a sua imaginação, e com a produção poética que me tem guiado nos meus trabalhos de cruzamento, imersão e folia melancólica."

Este workshop foi redesenhado a pensar nos Jardins do Palácio de Cristal, nas suas memórias e na sua envolvente urbana de baldios e água do rio.

Para além das quatro sessões de trabalho, foi proposto um percurso performativo aberto ao público para os Jardins a partir das relações, referências e arquivos que foram convocados nesta coletividade.

Este workshop decorreu de 2 a 6 de julho 2024.



Kyrirĩ II

som do silêncio
é kyrirĩ
gûyrá´ ĩ cantando
kururu coaxando
árvore dançando
noite sendo

só se pode anoitecer
com noite sendo.

Ellen Pirá Wassu, 2021

Hackers & PANCs

Como olhar para trás, por cima, por baixo e do avesso

INÊS NETO DOS SANTOS

Este workshop visou pensar as possíveis dimensões de uma prática artística profundamente enraizada no seu entorno, neste caso os Jardins do Palácio de Cristal. Quais as dinâmicas e vivências de seres e elementos para além de nós próprios? O que acontece quando derrubamos as paredes de cimento que nos rodeiam e desaceleramos o passo? De que forma é que, ao olhar não só em frente, mas também para trás, por cima, por baixo e do avesso, poderemos recuperar relações ecológicas ancestrais? Quais as possibilidades digestivas de um lugar — e de que forma é que a digestão nos aproxima do mesmo?

Através de caminhadas coletivas, exercícios de observação, performance, respiração, escrita automática e fermentação, investigaram-se e refletiu-se sobre as possibilidades empáticas com o que nos rodeia. Descartando a superioridade humana que caracteriza o Antropoceno, enraizámo-nos na paisagem que nos acolhe, de encontro à sua inerente abundância.

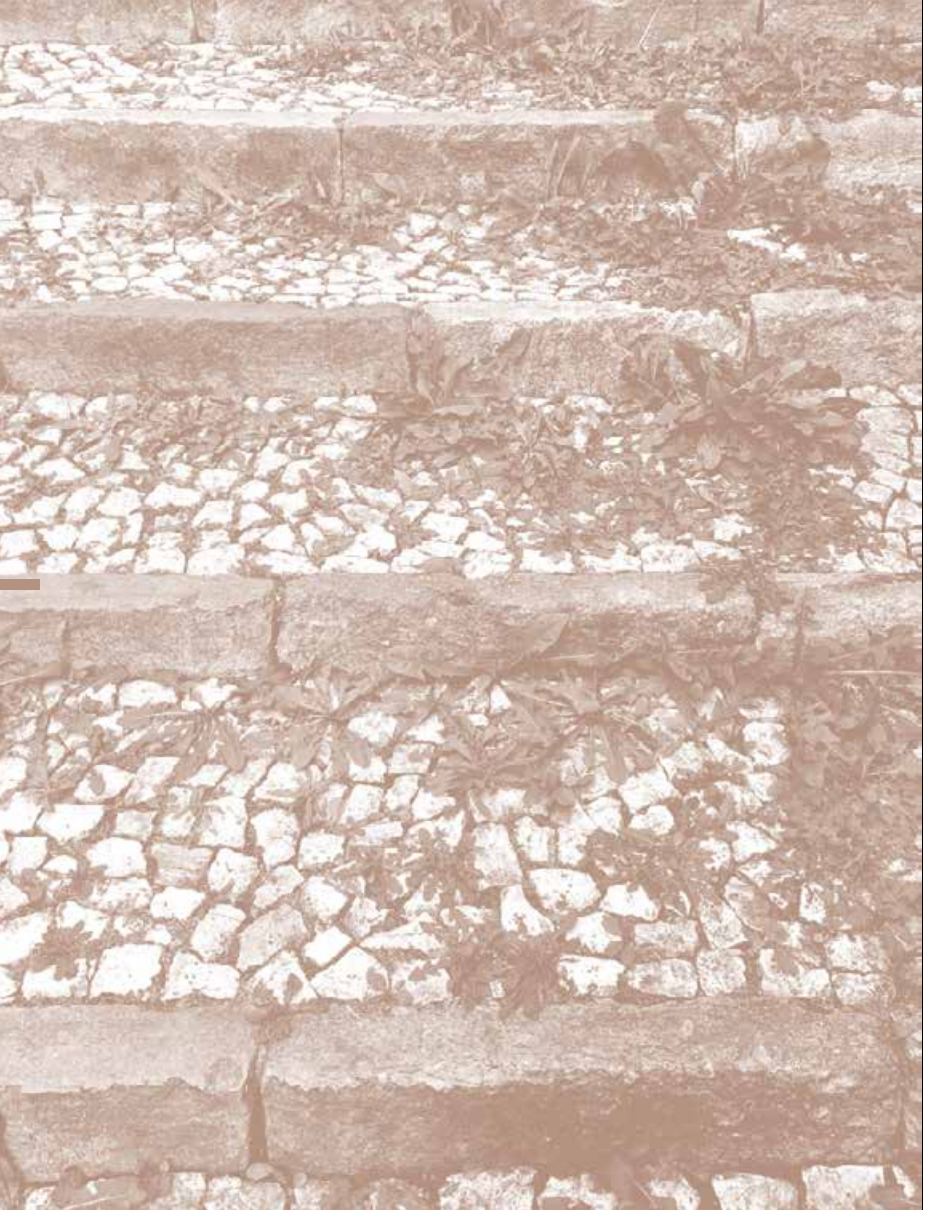
Este workshop rejeita, assim, o pensamento capitalista da escassez — hierárquico, extrativista e linear —, para adotar uma perspetiva simbiótica, horizontal e multiespécie em todas as direções.

Integrado neste workshop, o primeiro dia incluiu ainda a conferência *In Transit* (*Botânica de uma Jornada*) da artista Asunción Molinos Gordo. Foi apresentado o seu projeto que cruza Arte, Ciência e Ecologia, e que consiste num jardim global cultivado a partir das sementes ingeridas em culinárias diversas, e que viajam nos corpos da diversificada população do Dubai. O tomate, a beringela e o quiabo são alguns dos alimentos que consumimos, cujas sementes são ingeridas sem mastigação. Dadas as suas características, as enzimas digestivas não os podem danificar, sendo por isso expelidas intactas, podendo ser germinadas. Em colaboração com as estações de tratamento de águas residuais locais, esta possibilidade viabiliza novos futuros que contribuem para a renovação de desperdícios produzidos diariamente. Asunción centrou-se neste trabalho que foi concebido como um jardim ruderal — que os ecologistas definem como a capacidade de prosperar apesar das condições difíceis —, refletindo sobre as ideias de globalidade, interconectividade, mobilidade e coabitação.

Este workshop decorreu de 12 a 15 de outubro 2023.

**aprender a ver céu no chão:
neblina também é nuvem.**

Ellen Pirá Wassu, 2021



A especulação sobre o mundo vivo – quaisquer que sejam os conhecimentos e os instrumentos utilizados – fica muito aquém das possibilidades reais de invenção de que este é capaz.
Gilles Clément[1]

À medida que a espécie humana transforma o planeta numa estufa descontrolada, as plantas e as suas formas de vida singulares, durante largos séculos relegadas para as margens do pensamento e da atenção, parecem finalmente libertar-se do cenário puramente decorativo onde tinham sido esquecidas e ganhar algum protagonismo. Livros sobre a "vida secreta" das árvores tornam-se *best-sellers* mundiais e países pioneiros concedem personalidade jurídica às florestas. Biólogos tentam desvendar os enigmas da vida vegetal, concordando que as plantas são seres infinitamente complexos, capazes de comunicar e até de sentir com os outros. A antropologia descentraliza-se, abrindo-se às aventuras do pensamento silvestre e à apanha de cogumelos raros. Filósofos convidam-nos a pensar sobre e com as plantas, defendendo uma abordagem não-instrumental da vida vegetal e fazendo do modo de ser relacional e não-hierárquico das plantas um modelo ético e político. Artistas sonham com sangue clorofilado e cravos são geneticamente modificados por bio-hackers.

As abordagens extremamente diferentes que acabo de evocar são sintomáticas de uma empresa muito mais vasta e urgente: a de nos emanciparmos de uma forma mortífera de

pensar. De certa forma, os debates atuais sobre a vida vegetal são um convite para decolonizar o pensamento. A fórmula é do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro. A partir do pensamento amazónico (cuja relação com as plantas e com os restantes seres vivos é radicalmente diferente da nossa), Viveiros de Castro precisa que 'decolonizar' significa aqui subverter velhos esquemas conceptuais e metafísicos, como a oposição entre natureza e cultura, humano e não-humano, sujeito e objeto, etc. Trata-se de um esforço permanente para desafiar e desestabilizar as relações hierárquicas entre o "nosso" pensamento e o pensamento do "outro". Assim sendo, "a decolonização não pode ser definitiva, porque o próprio pensamento é uma espécie de colonização"[2]. Reconhecer a sofisticação e a sabedoria da vida vegetal é uma forma de nos afastarmos de uma razão colonizadora e excessivamente antropocêntrica, que não só separou os humanos da "natureza", situando a vida humana fora e acima dela, mas que também organizou o mundo segundo hierarquias de género e raciais.

Neste contexto, gostaria de me concentrar nas mais humildes e ignoradas de todas as plantas: as ruderais, espécies que crescem e prosperam espontaneamente em meios antropizados, isto é, perturbados pela ação ou pela presença humana. As plantas ruderais não são apenas as "ervas daninhas" das cidades e das zonas industriais, as colonizadoras bem-sucedidas dos baldios e canteiros de árvores saturados de urina. Florescendo naquilo a que poderíamos chamar as

ruínas quotidianas do capitalismo, as plantas ruderais são companheiras excecionais para pensar *com*, em particular no momento de rutura que é o nosso. Quando "todo o mundo se revela uma lixeira" e essa condição particular vem "minar o próprio ser-mundo do mundo"[3], corrompendo a nossa própria subjetividade, o ruderal é mais do que uma metáfora: é uma lição na arte de continuar a viver *apesar da devastação*.

Pensar com as ruderais não é um assunto de somenos importância. Entre outros, implica levar a sério a politização da vida e dos seres vivos para a qual o pensamento ecológico nos convida há várias décadas. Ora, politizar formas de vida literalmente espezinhadas como as plantas ruderais significa trazer os desapercebidos e os desprezados para dentro da nossa polis agonizante. Abrir a polis ao ruderal é imaginar a esfera política como um terreno comum, um espaço de cuidado e de reconhecimento mútuo, aberto a todos os seres humanos e aos mais-do-que-humanos. Trata-se de uma forma de imaginar as comunidades que temos de construir se quisermos "fazer mundo", apesar da devastação e da ruína que afetam os solos, as águas e os ares do planeta e que assombram igualmente os nossos corpos, os nossos sentidos e os nossos pensamentos. É uma tarefa difícil, mas vital — esperando que a lógica letal sobre a qual se apoiam a devastação e a toxicidade ontológica ainda possa ser revertida.

A PROPÓSITO DO RUDERAL

Algumas espécies vegetais são descritas como *ruderais*, do latim *rudus*, *ruderis*: cascalho, entulho, escombros, ruínas. A utilização do termo num contexto botânico remonta à nomenclatura estabelecida pelo naturalista sueco Lineu (o chamado "pai" da taxonomia moderna – uma disciplina sem "mãe", como tantas outras). No seu *Systema Naturae* (edição de 1758), *ruderale* refere-se ao tipo de solo em que crescem certas plantas. Por exemplo, a verbena (*Verbena officinalis*) encontra-se facilmente à beira de valas húmidas, ou mesmo em escombros: ambientes ruderais típicos. Embora Lineu não o soubesse (a ruderalização do planeta acelerou consideravelmente depois do seu tempo), as plantas ruderais prosperam em solos saturados de ferro, fosfatos e, claro, nitratos. Muito utilizados na agricultura, em particular depois da Segunda Guerra Mundial, os fertilizantes sintéticos vieram transformar o ciclo global do azoto (hoje um dos ciclos biogeoquímicos mais alterados da Terra e um dos que mais contribuem para o aquecimento global) e acelerar consideravelmente a poluição por nitratos. Frequentemente nitrófilas (ou pelo menos tolerantes aos elevados níveis de nitratos que quase sempre distinguem os seus habitats), as plantas ruderais são, desse ponto de vista, bioindicadores fiáveis.

No século XVIII, o termo ruderal não tinha ainda a conotação pejorativa que viria a adquirir mais tarde (no âmbito da geografia, a "rudologia" significa o estudo dos dejetos).

Então associadas às ruínas e escombros, algumas plantas ruderais participaram até na monumentalização romântica de determinadas paisagens. É o caso da *Cymbalaria muralis*: uma planta herbácea com florzinhas lilases que aprecia as velhas pedras calcárias, como as de muitas ruínas romanas. Por essa razão, a cimbalária é conhecida em francês como "ruine de Rome" ("ruína de Roma") e em inglês como "Colosseum Ivy" ("hera do Coliseu"), surgindo com frequência em quadros e estampas dos séculos XVIII e XIX. No entanto, com o declínio do Romantismo e a propagação do urbanismo higienista, a dimensão pitoresca das ruderais desvanece. "Planta ruderal" passa a referir-se não apenas a vegetais que medram em lugares pedregosos, mas sobretudo a plantas que proliferam nas sarjetas, baldios e bermas de estradas, nos balastros asfixiantes dos caminhos de ferro, nos solos contaminados das lixeiras industriais. Tal como certos fungos, como os cogumelos *matsutake* explorados pela antropóloga americana Anna Tsing[4], a vegetação ruderal é aquela que prospera apesar da devastação – quer essa devastação seja invisível a olho nu (como no caso dos solos contaminados), quer assuma formas mais expressivas,

como em Beirute, onde a célebre "linha verde" que separava os setores oriental e ocidental da cidade durante a Guerra Civil (1975–1990) se tornou num baldio coberto de silvas, ervas, sicómoros e figueiras selvagens.

As plantas ruderais são frequentemente evocadas pela sua capacidade de "recolonizar" as ruínas após conflitos violentos. Na Alemanha, a flora e a vegetação das *Trümmerlandschaften*, as paisagens de escombros dos primeiros anos do pós-guerra, atraíram a atenção dos botânicos e ecologistas, em particular em Berlim, uma cidade durante décadas pontuada por muitos espaços intersticiais e selvagens[5]. Em *Alemanha, Ano Zero* (Roberto Rossellini, 1948), filme rodado em Berlim no verão de 1947, as ruderais podem ser vistas praticamente por todo o lado. Uma sequência em particular merece ser recordada. Depois de confessar ao seu professor que acabou de envenenar o seu pai doente, o jovem Edmund Köhler vagueia pela cidade. A certa altura, depara-se com um grupo de crianças que jogam futebol numa rua totalmente destruída, mas em flor. Edmund tenta juntar-se a eles, mas as crianças repudiam-no. Edmund acaba por se afastar, caminhando no meio de uma selva do que parecem ser ambrósias-das-boticas (*Chenopodium botrys*). Ao invés das plantas ruderais, Edmund é incapaz de sobreviver no habitat fortemente perturbado da Berlim do pós-guerra: o jovem sujeito que ele é encontra-se já irremediavelmente maculado.

As ruderais são plantas antropófilas ou organismos sinantrópicos, isto é, espécies não domesticadas ou ferais

(que escaparam à domesticação) que beneficiam das condições ecológicas criadas pelas atividades humanas. Os seres humanos podem não as apreciar, ou sequer reparar nelas, mas as ruderais encontram-se perfeitamente integradas no tecido das nossas vidas. Ainda assim, o seu estatuto não deixa de ser um pouco turvo, como as águas pluviais que disseminam as suas sementes. Por um lado, têm má fama: assimiladas às ervas "daninhas", nefastas e proliferantes, são também acusadas de ser "invasoras" e "oportunistas". Acusadas de "homogeneização biótica" em nome da diversidade, as plantas ruderais e as ervas tidas por daninhas alimentam, paradoxalmente, fantasias de ecossistemas virgens, quase sempre indissociáveis de projetos nacionalistas[6]. Por outro lado, as plantas ruderais são incrivelmente resilientes (pelo menos de um ponto de vista humano), prosperando nos locais mais improváveis: nas brechas de um muro, na gravilha das linhas férreas, num aterro industrial ou mesmo através da pez. Enquanto espécies que apreciam a poluição, as ruderais revitalizam os solos abandonados e degradados, restaurando nutrientes e minerais, atraindo insetos e pássaros, regenerando a vida. Muitas vezes são também as aliadas vegetais que alguns (e sobretudo *algumas*) ainda sabem cozinhar, decantar e destilar. As ruderais podem ser o nosso primeiro alimento (veja-se a singela e saborosa beldroega) e o nosso primeiro remédio (caso da verbena).

Remetendo para o estrangeiro, o indesejável, o vagabundo – mas também para o múltiplo, o descentrado, o emaranhado –, as plantas ruderais são companheiras adequadas

para aqueles e aquelas que prosperam num qualquer "entre dois". Aqueles e aquelas que introduzem o bravio e o indomesticado em qualquer tipo de monoculturas tóxicas; aqueles e aquelas que medram nas fissuras e nas fendas dos discursos dominantes; aqueles e aquelas que nos convidam a ler a contrapelo. Afinal, as plantas ruderais são as migrantes do reino vegetal, a antifloresta dos terrenos devolutos e dos subúrbios, a flora desprezada do inconsciente ecológico. As plantas ruderais são a vegetação dos comuns contaminados e subalternos. Incarnam o que Tsing chama "terceira natureza": formas precárias de coexistência multiespécies nas ruínas do capitalismo avançado[7]. Ou seja, as plantas ruderais recordam-nos que é possível fazer mundo no seio da nossa estufa. Há que cultivar ecologias afetivas com os mais-do-que-humanos, configurar novas formas de atenção e de cuidado, inventar novos modos de ver, de sentir, de perceber, de afetar e de sermos afetados.

1 Gilles Clément, *Éloge des vagabondes*, Paris: Nil, 2002, p. 182.

2 Peter Skafish, Eduardo Viveiros de Castro, "The Metaphysic of Extra-Moderns: On the Decolonization of Thought. A Conversation with Eduardo Viveiros de Castro", *Common Knowledge*, volume 22, n.º 3, setembro 2016, p. 412.

3 Michael Marder, *Dump Philosophy. A Phenomenology of Devastation*, Londres e Nova Iorque: Bloomsbury, 2021, p. 2.

4 Anna Tsing, *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*, Princeton: Princeton University Press, 2015.

5 Ver o documentário do geógrafo Matthew Gandy: *Natura Urbana — The Brachen of Berlin*, 2017, bem como o seu livro *Natura Urbana. Ecological Constellations in Urban Space*, Cambridge, MA: MIT Press, 2022.

6 A médio ou longo prazo, a "naturalização" de certas espécies pode prejudicar as plantas ditas "nativas" ou "autóctones", uma vez que as plantas "cosmopolitas" se apropriam do seu habitat. Mas como sublinham os ecologistas Audrey Muratet e François Chiron, não só "essa separação assenta sobre uma herança cultural que aparta o homem dos processos naturais", mas "na cidade, como em muitos outros ambientes continentais, os problemas ecológicos colocados pela maior parte das espécies introduzidas são negligenciáveis" (Audrey Muratet e François Chiron, *Manuel d'écologie urbaine*, Dijon: Les Presses du réel, 2019). Para formular as coisas de outra forma, e como escreve o arquiteto paisagista Gilles Clément, as plantas não têm fronteiras (Gilles Clément, op. cit.).

7 Tsing.

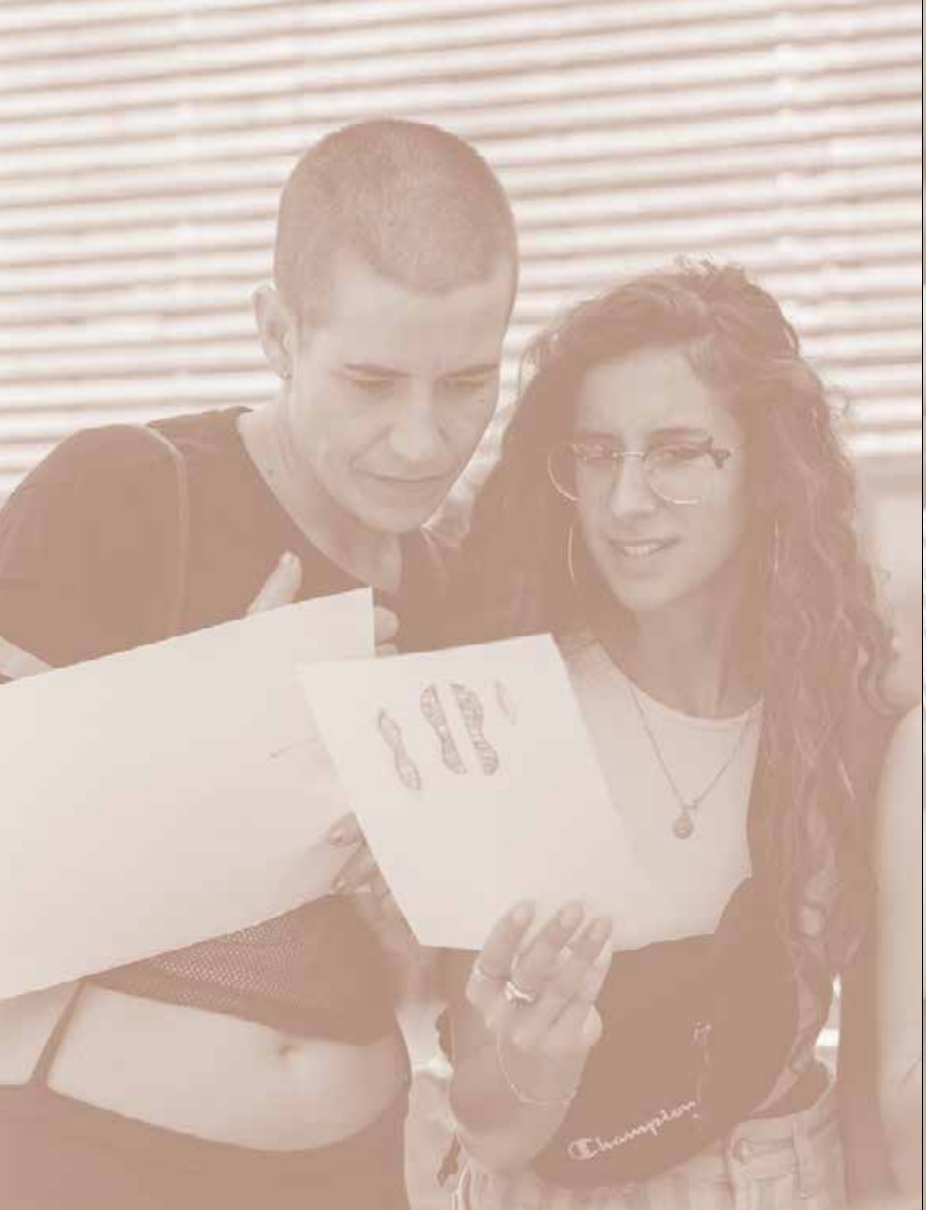
BIO.TRANS.LAB

PAULA PIN

O workshop proposto por Paula Pin insere-se no projeto Bio-trans-lab, um dos módulos da plataforma *hackteria.org*. Materializado numa carrinha, a CyanoVan é um laboratório de ciências nómada, aberto à experimentação com o corpo e a tecnologia, numa lógica de aprender fazendo. O projeto móvel, que tem percorrido o mundo, procura disseminar e ativar processos científicos abertos à comunidade, trazendo o laboratório queer *transhackfeminista* ao espaço dos Jardins do Palácio de Cristal.

Estacionada a carrinha, Paula Pin encontrou nos Jardins uma espécie vegetal conhecida como Hipericão ou Erva de São João, numa referência ao solstício de verão. Das folhas foi extraído e preparado o óleo que ajuda na cicatrização de feridas como anti-inflamatório. Conversou-se sobre a importância desta planta para animais polinizadores como pássaros e borboletas. As suas flores amarelas são chamadas "erva do destino" por serem translúcidas e fazerem lembrar o sol; segundo crenças ancestrais a planta tinha a capacidade de proteger contra espíritos malignos, demónios e trovões.

Este workshop realizou-se a 22 e 23 de julho 2022.




ORGANIC CHEMISTR
FUNDAMENTALS

Linha de expressão: Terra fazendo raiz no rosto

Ellen Pirá Wassu, 2021

PANCs – PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS EXISTENTES NOS JARDINS DO PALÁCIO DE CRISTAL

Fernanda Botelho

ALHO BRAVO

Allium triquetrum, Amaryllidaceae

Estão identificadas 22 espécies de *Allium* em Portugal, algumas criticamente ameaçadas e em perigo de extinção. Planta anual até 40 cm de altura. Folhas 2 a 5 cm, lineares. Inflorescência em umbela com 3 a 15 flores, frequentemente unilateral. Flores pendentes, de perianto campanulado, branco. O fruto é uma cápsula polispérmica deiscente.

Cresce em comunidades herbáceas, em clareiras sob coberto de pinhais ou carvalhais, margens de linhas de água, taludes e bermas de estradas, em locais húmidos e sombrios. Por vezes em baldios e locais perturbados, escapada de cultivo. (Flora-on.pt)

É um dos primeiros *Allium* a florir ainda no inverno.

Todos os *Allium* silvestres são aparentados ao *Allium sativum*, o nosso alho cultivado e portanto todos apresentam algumas características e propriedades medicinais comuns. São ricos em vitamina C. Têm propriedades diuréticas, antibióticas e melhoram a digestão e o funcionamento das vias respiratórias; são vermífugos e hipotensores.

O bolbo pode ser consumido cozinhado ou cru, devendo ser colhido no início do verão, podendo ser armazenado

durante cerca de 6 meses. As folhas (cruas ou cozinhadas) podem ser usadas como substituto do alho-francês, sendo excelentes em saladas (quando jovens), cozinhadas, em salmoura ou picles ou usadas como condimento, e têm um sabor mais suave do que a cebola. As flores, com um leve sabor a alho, devem ser consumidas cruas e/ou como decoração em saladas. As sementes podem triturar-se e usar em pó. Podem usar-se também no fabrico de bolos e pães.

Partes comestíveis:
folhas, flores, bolbos e sementes.

BELDROEGA

Portulaca oleracea, Portulacaceae

A beldroega é uma planta que surge normalmente no fim da primavera e que se vai reproduzindo até quase ao final do verão. É em geral prostrada, carnuda e muito suculenta, apresentando talos vermelhos grossos, folhas estaladiças e arredondadas em tons de verde-escuro ou de amarelo-dourado e avermelhado, sendo espontânea, subespontânea ou cultivada em Portugal. Esta planta existe um pouco por todo o mundo, desde a China à Austrália. Muitos agricultores tratam-nas como infestante, mas elas merecem um lugar de relevo em qualquer horta, uma vez que têm imensas propriedades medicinais e nutritivas.

Existem na realidade duas subespécies de beldroegas. As que são cultivadas (*Portulaca oleracea*, subesp. *sativa*) e as que são espontâneas (*Portulaca oleracea*, subsp. *oleracea*). É uma planta muito comum nos países mais quentes da bacia mediterrânica, mas julga-se ser originária da Índia ou do Irão.

A beldroega é usada há milhares de anos e a sua utilização como planta medicinal na Europa remonta a mais de 2000 anos. Bastante conhecida no resto da Europa e particularmente em Portugal, onde é uma das ervas silvestres mais utilizadas como alimento em vários pontos do país, sobretudo em pratos típicos do Alentejo. Geralmente consome-se cozinhada, mas também se pode adicionar crua a saladas e sopas. Tem um elevado teor de ómegas 3, 6 e 9.

Partes comestíveis:
folhas, talos (moderadamente devido à presença de oxalatos), frutos/sementes e flores.

CARDO MARIANO

Silybum marianum, Asteraceae

Este cardo nativo da Europa Ocidental e Meridional é também conhecido por cardo-leiteiro ou cardo-de-santa-maria. Trata-se de uma planta bienal de caule ereto e robusto, folhas grandes, brilhantes, verdes com manchas brancas ao longo das nervuras, margens onduladas, orladas de espinhos e cílios, flores roxas, brácteas coriáceas terminadas em espinho, aquénio preto, brilhante ou matizado de amarelo, raiz aprumada e grossa. Seiva branca.

Gosta de solos secos e rochosos e é frequente em quase todo o país em terrenos cultivados ou incultos, sebes, baldios, beiras de caminhos, até 700 metros de altitude.

Existe uma enorme variedade de cardos, quase todos com aplicações medicinais e culinárias. Contêm óleos essenciais, princípios amargos, histamina, silimarina, tiramina, ácidos linoleicos, proteínas e uma pequena percentagem de mucilagem. O cardo mariano será talvez o de maior relevância para o tratamento ou prevenção de doenças crónicas do fígado. Nas suas sementes existe um componente designado silimarina, que tem uma ação hepatoprotetora, regeneradora das células do fígado. Esta planta tem ainda propriedades antioxidantes e hemostáticas.

Os talos, as folhas tenras e as raízes possuem um alto valor nutritivo e podem cozinhar-se ou adicionar-se a saladas, uma vez retirados os espinhos. Sabor a alcachofra (*Cynara scolymus*). O cardo mais comummente utilizado para o coalho do leite é muito semelhante ao cardo mariano e à alcachofra e designa-se por *Cynara cardunculus*.

Partes comestíveis:
folhas, talos, estames das flores e sementes.

CONCHELOS

Umbilicus rupestres, Crassulaceae

Os conchelos são também conhecidos por umbigos-de-vénus, sombreirinho-dos-telhados, orelha-de-monge ou cauxilhos. Planta perene, suculenta, de folhas basais, carnudas na base e extensamente pecioladas, muito redondinhas, de cujo centro sai diretamente o caule, formando uma pequena covinha a lembrar um umbigo. Caule ereto e guarnecido em quase toda a sua extensão por flores e botões pendentes, que formam longos cachos de um tom branco-amarelado ou

avermelhado. Medem entre 15 a 50 cm e florescem normalmente a partir de abril.

Crescem um pouco por toda a Europa setentrional, Grã-Bretanha, Irlanda, Bulgária e Norte de África. Preferem solos ácidos e siliciosos, paredes com musgo, fendas, bosques, cascas de árvores e telhados. Em Portugal existem duas espécies de conchelos: *Umbilicus rupestris* e *Umbilicus heylandianus*.

Os conchelos contêm sais minerais, sobretudo cálcio, potássio, silício, ferro, vitamina C e taninos. São mais utilizados externamente do que internamente, servindo com frequência para tratar calosidades, feridas, úlceras cutâneas, picadas de insetos e dores de ouvidos. A sua aplicação é feita diretamente com a planta esmagada em compressas ou utilizando o seu suco. Um dos usos mais populares que lhe foram dados consiste em aquecê-los em azeite para aliviar dores reumáticas e amaciar a pele. Internamente consomem-se em saladas, sandes, omeletas e batidos, apresentando um sabor fresco e agradável.

Partes comestíveis:
folhas, caules e flores.

DENTE-DE-LEÃO

Taraxacum sp, Asteraceae

Planta anual, herbácea, folhas glabras, compridas, diversamente roncinadas (com os segmentos laterais virados para a base), organizadas em roseta basal compacta, raramente ultrapassa

50 cm de altura. Flores amarelas, solitárias, no cimo de longos pedúnculos cilíndricos e ocos, raiz aprumada, longa e fina. Seiva leitosa. Esta planta fantástica e robusta é uma das mais úteis ao ser humano. As suas raízes profundas e difíceis de erradicar são recomendadas para tratar problemas de fígado e vesícula, podendo ainda ser cozinhadas como um vegetal ou torradas e moídas para fazer "café".

As folhas do dente-de-leão são muito ricas em potássio e outros sais minerais, vitaminas A, B, C e D. Por outro lado, constituem um excelente vegetal, cru ou cozinhado, podendo ainda fazer-se com elas excelentes sumos verdes ou infusões. Além disso, são um diurético recomendado em casos de gota, reumatismo e retenção de líquidos.

As flores são comestíveis e podem adicionar-se em saladas ou refrescos. São também utilizadas na confeção de cerveja e de vinho.

É comum confundir-se o dente-de-leão com a serralha (*Sonchus* sp).

Partes comestíveis:
raiz, folhas, caules e flores.

FUNCHO

Foeniculum vulgare, Apiaceae

Vigorosa planta perene com cheiro de anis, caules erectos com 60 a 130 cm de altura e folhas grandes e plumosas, muito recortadas, de cor verde, que podem atingir até 60 cm de comprimento. Os caules estriados são maciços quando jovens e ocos ao envelhecer. Flores amarelas em umbelas terminais compostas, contando de 10 a 30 umbélulas. Os frutos são aquénios ovais.

Cresce em baldios e terrenos incultos em sítios secos, podendo atingir grandes densidades e originar funchais. Ocorre também em clareiras de matos degradados, bermas de caminhos, campos de cultivo.

As folhas e pecíolos finamente picados aromatizam as saladas e os molhos para peixes gordos. A base grossa das folhas pode cozer-se como legume. Os caules fibrosos amolecem quando deixados várias semanas a macerar em vinagre,

servem-se como picles cortados em pequenas rodelas de sabor agridoce.

As sementes/frutos dão um ligeiro sabor aos guisados e aos licores. Também se podem mascar como remédio contra os gases. Em Portugal usa-se para aromatizar peixe, azeitonas e castanhas. Usado como aperitivo. Os frutos entram em diversos licores.

Partes comestíveis:
caule, folhas, flores e frutos/sementes.

SERRALHA

Sonchus sp., Asteraceae

Segundo o site flora–on.pt existem em Portugal quatro espécies de *Sonchus* também conhecidos por leitugas devido à sua seiva leitosa. Planta ruderal, habita em campos de cultivo, hortas, jardins, mas também em habitats naturais. Planta erecta que produz um látex não tóxico. As folhas são simples, alternas e sésseis, chegando a dar a impressão de abraçar o caule. Inflorescências amarelas nos

ápices dos ramos. Propaga-se pelo vento, com sementes providas de plumas. Todos os *Sonchus* são comestíveis sendo as mais interessantes o *Sonchus oleraceus* e o *Sonchus asper*.

São muito ricos em vitaminas A, B, C e K, antioxidantes, ácidos gordos, sais minerais como zinco, ferro, manganês, cobre, cálcio e fibras.

As serralhas, que tantas vezes se confundem com o dente-de-leão (*Taraxacum* sp.) e que eu ia colher com a minha avó para alimentar os coelhos tendo sempre cuidado de não misturar fumária, que os mata. A serralha que estes roedores tanto apreciam também é um excelente alimento para os humanos. Um tónico amargo, estimulante do aparelho digestivo, pode ser usado em sopas, saladas, omeletes e sumos verdes. As folhas podem ser consumidas cruas ou cozinhadas. As flores e botões florais podem ser refogados ou usados em molhos e acompanhamentos. Os caules podem ser usados para conservas tipo espargo.

Partes comestíveis:
folhas, caules, botões florais e flores jovens.

TREVO

Trifolium pratense, Fabaceae

O trevo é uma planta muito comum da flora europeia e é utilizada principalmente como forragem e muito atrativa para insetos polinizadores. Segundo flora-on.pt existem em Portugal 42 espécies de trevos.

Crescem em prados e pastagens, por vezes na orla de bosques, taludes e bermas de caminhos. Preferem locais solarengos e adaptam-se a qualquer tipo de solo desde que tenham alguma humidade.

Planta herbácea, com folha do tipo digitado-trifoliolada, muitas vezes com uma mancha branca nos folíolos. Inflorescências com mais de 20 flores, de corola branca a rósea; floresce durante quase toda a primavera e início do verão. As suas folhas e flores são comestíveis em saladas e muito apreciadas pelas abelhas.

Os trevos são fixadores de azoto, contêm glicósidos ácidos fenólicos como ácido acetilsalicílico, cumarinas, saponinas e sais minerais como ferro, cálcio, magnésio, potássio, cobre e zinco. É uma planta de grande interesse terapêutico devido à sua elevada percentagem de fitoestrógenios. Possui propriedades diuréticas, antiespasmódicas, expectorantes e sedativas. É utilizado para tratar problemas relacionados com a menopausa, afrontamentos, suores noturnos e insónias. Também é útil na pós-menopausa, uma vez que estimula o armazenamento de cálcio, prevenindo a osteoporose. O seu uso é recomendado na prevenção de gota e artrite.

Muitas vezes confunde-se o trevo com a *Oxalis* ou azeda; ambas são comestíveis. A *Oxalis*, da família das *Oxalidaceae*, é considerada uma planta invasora e o trevo uma leguminosa benéfica. As folhas e flores de ambas são usadas na confeção de molhos, adicionadas a sopas, saladas ou sumos.

Partes comestíveis:
folha e flor.

URTIGA

Urtica dioica, Urticaceae

Planta vivaz de 30 a 150 cm de altura, coberta de pelos urticantes, formando um molho de caules erectos quadrangulares, com folhas opostas, pontiagudas, dentadas, verde-escuras. Flores pequenas, sem pétalas, na axila das folhas, masculinas e femininas em plantas separadas. Os frutos são pequenos aquénios encerrados nas sépalas secas.

Cresce em bosques e terrenos baldios e perto das casas, na berma das estradas e em sebes; nos jardins e em terrenos cultivados. A urtiga é uma verdadeira planta de sobrevivência

e dela tudo se aproveita. As raízes são muito úteis para tratar problemas da próstata (hipertrofia benigna da próstata); o caule utiliza-se no fabrico de têxteis; as folhas, flores e sementes têm múltiplos usos culinários e fitoterapêuticos; além disso, usa-se também como adubo e antifúngico no tratamento de outras plantas. É rica em sais minerais como potássio, ferro e cálcio, contém vitamina C, rutina, quercitina, ácido málico, ácido fórmico e clorofila. Aumenta a produção de serotonina e de leite materno. É altamente nutritiva e remineralizante para o organismo.

Em uso interno, sob a forma de infusão, é um excelente diurético, hemostático, útil em casos de gota, cistite e uretrite, uma vez que ajuda a expelir o ácido úrico. As urtigas aliviam também problemas respiratórios como asma ou febre dos fenos. Na culinária, as urtigas usam-se no fabrico de pão, sopas, panquecas, omeletas, queijos, sumos, arroz, molhos e tudo o que a sua imaginação quiser criar.

Partes comestíveis:
folhas, caule tenro e sementes.

Seleção de plantas a partir da publicação: Fernanda Botelho, *Ervas que se comem*, Lisboa: Dinalivro, 2023.

Cuidados a ter na recolha de ervas silvestres

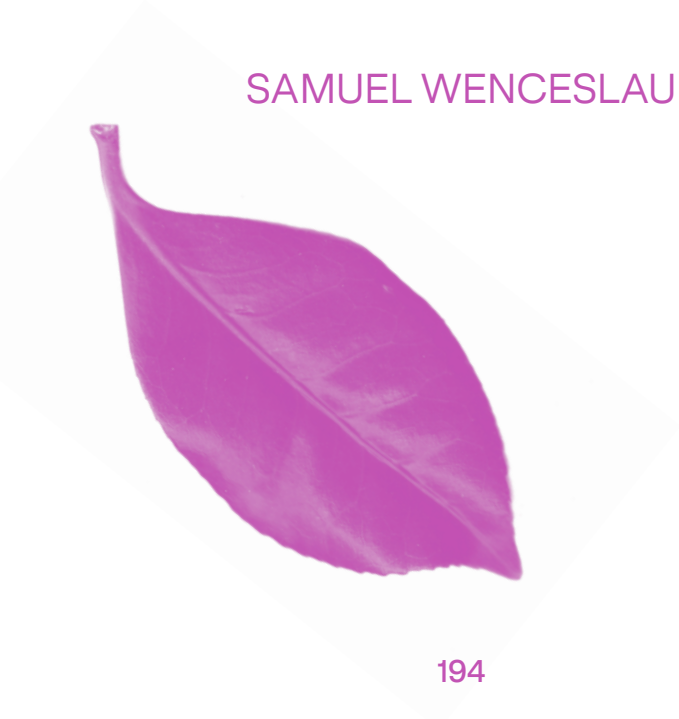
1. Observar com atenção o local da recolha, certificar-se de que não foi pulverizado com herbicidas ou outros venenos, de que não tem urina de animais ou pessoas ou que não está contaminado com nenhum tipo de poluição.
2. Não colher plantas perto de estradas movimentadas.
3. Não colher espécies protegidas.
4. Não colher espécies tóxicas.
5. Fazer-se acompanhar de um ou mais guias: podem ser pessoas, livros ou boas aplicações digitais.
6. Colher sempre com moderação e respeito, em locais onde a planta seja abundante.
7. Lembre-se que a recolha de raízes implica a interrupção do ciclo vegetativo daquela planta.
8. Preste atenção às plantas no campo e na cidade, observando-as nas várias estações do ano, em todas as fases do seu desenvolvimento. Convém lembrar que todos os anos morrem mais pessoas em acidentes de viação, alcoolismo, drogas, intoxicações alimentares ou com overdoses de fármacos do que intoxicadas com plantas silvestres comestíveis.

Aviso Apesar de a informação contida neste texto estar correta, a autora não se responsabiliza por qualquer incidente que possa ocorrer devido ao uso inadequado de alguma planta aqui mencionada.

Terrários

Terrário de Cristal

SAMUEL WENCESLAU



O artista Samuel Wenceslau tem vindo a fazer incursões nos Jardins do Palácio de Cristal para construir uma interpretação arquitetónica e poética do lugar, mas também para recolher plantas que possam germinar no interior de uma caixa wardiana, um terrário oitocentista que recria um ecossistema particular.

No workshop construíram-se micropaisagens, enclausuradas por uma estrutura de ferro e vidro, onde os participantes acrescentaram imagens que revisitam a Primeira Exposição Colonial Portuguesa. Aqui, refletiu-se sobre ideias de posse e de exposição de corpos, mas também sobre objetos domésticos como metáfora para os relicários e coleções pessoais. Em última instância, procurou-se discutir temas como o domínio colonial dos corpos e lógicas padronizadas de beleza e de natureza através destes Terrários de Cristal.

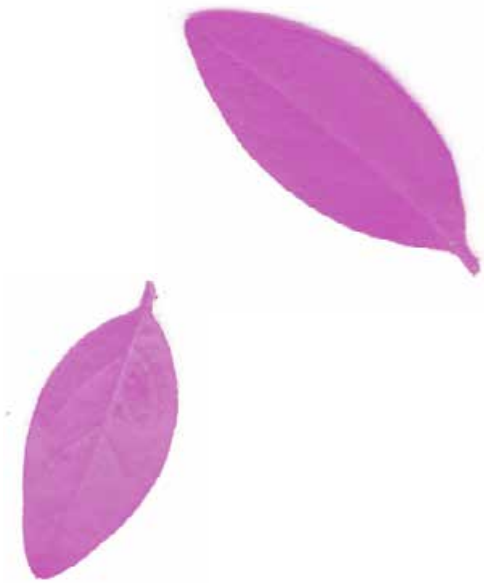
Este workshop realizou-se a 15 de outubro 2022.

não somos herança,
somos presença

Ellen Pirá Wassu, 2021

ECOLOGIAS AFETIVAS, UM ANTÍDOTO PARA A CRISE DE SENSIBILIDADE

Mauro Gil-Fournier



Vivemos num momento em que as crises sucessivas, recorrentes e permanentes não nos permitem observar com clareza o que acontece. É muito dispendioso criar os meios para lidar com os diversos problemas complexos, que são múltiplos, diferentes e intersetoriais. Nos nossos estudos, curadorias, investigações e exposições, realizamos um grande esforço para descrever o que observamos: os processos extrativistas, as questões decoloniais, que continuam por todo o lado; as reivindicações feministas e o seu lento surgimento nos sistemas de poder. O mesmo acontece com a crescente desigualdade social e com a omnipresente tecnologia, na sua ávida captação da nossa atenção. Talvez a melhor forma de visualizar e compreender esta situação de crise ecológica, política e social seja entender que vivemos uma grande crise da sensibilidade.

> *A nossa crise ecológica é, sem margem para dúvidas, uma crise das sociedades humanas: coloca em perigo o destino das gerações futuras, as próprias bases da nossa subsistência e a qualidade das nossas vidas em ambientes poluídos. Trata-se, também, de uma crise dos seres vivos: sob a forma de extinção de espécies, de defaunação, de fragilização das dinâmicas ecológicas e do potencial de desenvolvimento da biosfera devido à mudança climática. [...] Por crise da sensibilidade entendo um empobrecimento das relações que podemos sentir,*

percecionar, compreender e tecer com os seres vivos. Uma redução da variedade de afetos, de objetos, de conceitos e de práticas que nos vinculam a eles.[1]

Segundo Morizot, a nossa crise é uma crise das nossas relações com os seres vivos, devido ao empobrecimento da relação com o outro. Uma perda do vínculo, porque o vínculo não é apenas uma relação. Consequentemente, para compreender o alcance desta crise de sensibilidade para com o outro, necessitamos igualmente de valorizar a relação e o vínculo que criamos com nós próprios. Porque para fortalecer uma relação com o outro, seja este humano ou mais-do-que-humano, necessitamos de nos colocar a nós próprios algumas questões.

O VENENO

Talvez antídoto não seja o termo mais adequado para nos referirmos a esta situação, mas sim o mais direto. Se o antídoto é um contraveneno, o remédio para neutralizar os efeitos de um veneno, o veneno seria a falta de sensibilidade para com as diferentes formas de vida existentes. Mas, de que tipo de veneno se trata? Qual a sua materialidade? Como circula entre as sociedades?

O veneno que produz a crise da sensibilidade é um veneno afetivo. Materializa-se sob a forma de partidos políticos

extremistas, de refutação de conhecimento científico já assumido e demonstrado, na polarização dos discursos, em não prestar atenção às práticas, em produzir novas realidades muito fechadas e inundadas de lugares que geram uma falsa estabilidade. A materialidade do veneno é criar sempre um inimigo com o qual nos confrontamos. E esse inimigo é sempre o outro.

Os modos afetivos que compõem a crise da sensibilidade produzidos pelo veneno já são conhecidos por todos: medo, insegurança, instabilidade... Assim, a questão importante é: O que podem fazer as sociedades para que o veneno não continue a circular a uma velocidade vertiginosa? Qual é o antídoto?

QUEM POSSUI TAL VENENO?

Estamos imersos numa sociedade mediada e emocionalmente alterada. Esta questão é corporal ou, melhor dizendo, hormonal. As emoções oscilam no nosso corpo, criando esta relação de distorção dos nossos diferentes estados de espírito. Esta questão tem uma influência decisiva no nosso comportamento e, por conseguinte, na nossa forma de olhar o outro. Esta emocionalidade da vida quotidiana é, simultaneamente, individual e coletiva. Podemos, portanto, compreender que a nossa forma de olhar para o outro se constrói de forma coletiva, política e social, mas também de uma maneira individual.

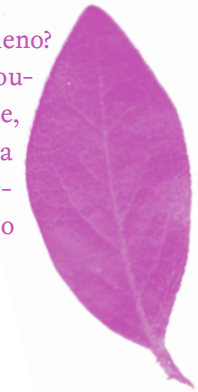
A partir de nós próprios, temos a responsabilidade de alterar esta forma de olhar no campo de ação que possamos desenvolver, enquanto profissionais, ativistas, políticos, etc. O que sabemos é que, enquanto pessoas, somos entidades vivas a quem ninguém pode retirar o poder de ser e de sentir.

Assim sendo, cada um, a partir do seu lugar, pode manifestar em relação ao outro uma responsabilidade que lhe é própria. Uma vez aí situados, em cada um de nós próprios, podemos colocar-nos algumas questões: Para quê encontrar-me com o outro[2]? O que temos de deixar de fora de nós próprios para nos encontrarmos com o outro? O que temos de deixar de fora para compreender o outro? O que desejo ao encontrar-me com o outro? Quero impor as minhas próprias ideias ao outro?

Desta forma e a partir de uma reflexão pessoal: como concebemos o encontro com o outro? Sem manipular. Sem impor a minha religião. Sem impor o meu partido político. Sem impor as minhas crenças. Posso relacionar-me deixando de lado a minha ideologia? Consequentemente, esta questão é crucial aqui: que afetos utilizo quando me relaciono com o outro? Faço-o a partir do meu sofrimento, do medo, das minhas convicções inabaláveis e puras, dos meus privilégios? Faço-o com base na ternura, na compaixão, na humildade? Atrevo-me a relacionar-me com o outro com base na bondade?

Estas perguntas também fazem parte de uma ecologia afetiva que favorece ou dificulta irremediavelmente o desenvolvimento de uma sensibilidade ligada a uma responsabilidade com a alteridade mais-do-que-humana. Deste

modo: quem é o possuidor e o mediador de tal veneno? Também é sempre o outro? Numa relação com o outro, aquilo que podemos observar mais facilmente, embora com muita dificuldade, é a nossa própria pessoa. Muitas vezes manifestado através de modos e tecnologias afetivas extremamente subtis, o veneno sou eu.



AS RELAÇÕES COM OS OUTROS SERES VIVOS

Nas ecologias afetivas, não existe distinção entre um ser humano ou um ser mais-do-que-humano. Todo o ser é valioso, seja qual for a sua expressão vital. E todos são seres, animados ou inanimados, quer se desloquem ou estejam parados, respirem de uma ou de outra forma, se reproduzam através de um ou de outro processo... E todos os seres descritos estão em permanente movimento.

Continuando com Morizot, "a nossa amplitude de sensibilidade em relação aos animais diminuiu de forma alarmante: ou beleza abstrata e vaga, ou figura infantil, ou objeto de compaixão moral". Isto provoca um empobrecimento das relações com os outros seres vivos, sejam estas úteis (alimentação ou geração de energia) ou de natureza contemplativa (nas reservas e parques naturais e naquilo a que chamamos

natureza). Mas, como dizem Laura Luengo e Eduardo Terrer, aos outros seres "só lhes falta falar". As formas de amar e de sentir dos outros seres ainda estão, em muitos casos, por descobrir, mas não é necessário ser cientista para conhecer o amor por outro ser. Deste modo, nas Ecologias Afetivas podemos dizer: não sou biólogo, mas não sou cego em relação aos seres vivos não-humanos. Não sou psicólogo, mas não sou insensível aos problemas de bem-estar que estamos a criar. Não sou médico, mas também posso cuidar dos da minha espécie. Não sou veterinário, mas posso sentir outro ser vivo em mim. Não sou jardineiro, mas posso cultivar um pequeno ambiente vegetal perto de mim. Não sou... pode colocar aqui o que quiser, mas sim, posso ser sensível a uma vida que vá além de mim. E posso sê-lo sem medo, sem vergonha, sem ódio, sem temor, porque posso coexistir e favorecer com a minha própria vida uma sensibilidade diferente em relação a outras vidas, neste planeta cheio de vidas. Sem romantismos, nem pensamentos de índole moral. Mas com o total atrevimento de sentir-me como parte plena da vida alheia. Atrevimento de atribuir ou de conceder a mim próprio a capacidade de fazer algo. Ou seja, de me envolver.

VÍNCULO SEM DISTÂNCIA

A partir das Ecologias Afetivas aprendemos que, para conseguir estabelecer relações duradouras com o outro, com o ambiente mais-do-que-humano, é, muitas vezes, necessário o envolvimento. Quando o estabelecimento de relações com o outro se baseia em âmbitos ideológicos, intelectuais ou excessivamente narrativos, é difícil superar a relação para convertê-la em vínculo.

Para alcançar relações mais estáveis – e não me refiro a relações entre os seres concretos, mas sim a uma relação duradoura e fiável com a vida – é necessário criar um vínculo que vá para além de nós próprios. Para isso, nas Ecologias Afetivas desenvolvemos um programa que põe em causa, precisamente, a noção de distância. Ecologias Afetivas pretende reduzir as distâncias afetivas entre os seres vivos e nós próprios. Essas distâncias não são euclidianas, nem pragmáticas, nem estritamente relacionais. São distâncias que fomos criando, por exemplo, através da linguagem humana falada e escrita. São distâncias que acontecem em virtude da forma de pensar dos humanos, afastada do sentir mais-do-que-humano. Mas as distâncias são distâncias mais fluidas, em movimento. Todos nos movemos, tudo se move. *Mobilis in mobile*. Podemos então gerar conhecimento sem aumentar as distâncias com os outros? Essa é a questão que nos colocamos. Porque o conhecimento

científico, técnico e intelectual tem limites, mas o conhecimento afetivo não conhece limites: "Ninguém sabe o que pode o corpo", dizia Espinosa.

Por conseguinte, num grau de indeterminação tão amplo como o expressado por Espinosa, o vínculo vai muito além da situação concreta, da pessoa ou do ser vivo de uma determinada espécie. O vínculo também não consiste na relação com a imagem de uma pessoa, ser ou coisa, que produz uma distância maior sobre o real. O vínculo com uma imagem baseia-se unicamente em expectativas que, na realidade, não nos pertencem. E a imagem devolve-nos algo destrutivo para com o vínculo com a vida, vínculo esse que é, na realidade, aquilo por que ansiamos.

O vínculo consiste em sentirmo-nos plenos e acompanhados nesta viagem, sentirmo-nos amados pelo que é próximo e real. É não ter de despender energia nas coisas que não quero, mas sim potenciar, concretizar, fazer crescer algo de útil para mim, para os meus semelhantes e para aqueles que são diferentes de mim. Deste modo, podemos sentir-nos conectados com o mundo diferente de nós de uma forma completa. Isto significa aproximarmo-nos do vínculo com a vida. Este vínculo encontra-se nas coisas pequenas, subtis e delicadas. Não está nos holofotes nem nas grandes luzes artificiais. Por isso devemos ter calma, escutar, prestar atenção ao subtil... E nesse estado de espírito poderemos perceber melhor como encontrar o nosso vínculo com o que nos rodeia e concretizá-lo. Tornar as nossas ações relações com significado.

O vínculo consiste, portanto, na redução total das distâncias ao outro e, nesse momento, também a nós próprios. O vínculo é o poder do amor pela vida nesta Terra que todos nós possuímos.

ECOLOGIAS AFETIVAS

É aqui que podemos definir as Ecologias Afetivas como um lugar onde nos atrevemos a explorar o mundo a partir da nossa própria sensibilidade. É a forma que temos para enfrentar a crise, tão bem caracterizada por Morizot. Deste modo, uma ecologia afetiva é uma forma de resistência a uma política da sensibilidade alterada pela emocionalidade dominante na esfera pública.

Explorar o mundo a partir da nossa própria sensibilidade permite-nos examinar todas as manifestações da vida, para além do espaço e do tempo. Formas de vida que já não são só planetárias, mas sim da própria formação do universo, mesmo que ainda não sejamos capazes de as identificar todas cientificamente. Uma estrela que nasce e morre, transformando-se numa anã branca, não é uma forma de vida universal?

Para concluir, gostaria de partilhar o motivo pelo qual apresentamos uma formação a partir do design, da arquitetura e das práticas artísticas e espaciais, designada Ecologias Afetivas (EA), como antídoto para a crise de sensibilidade que

vivemos. Solos limpos, água limpa e ar não poluído são os objetivos fundamentais para os quais as nossas práticas de design devem poder contribuir. No entanto, para alcançar níveis mais elevados de responsabilização, interessa-nos a criação não só de um espaço de pensamento, mas também de um espaço de ação, no âmbito de uma reflexão que é própria e pessoal e, simultaneamente, externa e coletiva. Uma prática que também é territorial, caminhada, cultivada, ecológica e social.

Assim, pensar com base na teoria afetiva significa, para nós, desvendar as chaves a aplicar na conceção da nossa própria prática vital e respetivos atributos materiais e espaciais. O que fazemos é investigar o materialismo afetivo das nossas próprias vidas. Um novo espaço de desenvolvimento para o design, para a arquitetura, para a paisagem e para as práticas artísticas e espaciais que torne a nossa vida diferente. Porque viver é projetar. Portanto, se eu acordasse um dia sem medo, como seria?

N.A. Este texto relaciona os conhecimentos e interesses comuns entre dois programas de formação independentes e geograficamente distantes, designadamente as Ecologias Afetivas e ping! Ecologias Afetivas é uma formação académica independente que se realiza na primavera de cada ano, no âmbito da aprendizagem das Arquiteturas Afetivas. (ecologiasafectivas.com)

1 Baptiste Morizot, *Maneras de estar vivo. La crisis ecológica global y las políticas de lo salvaje*, Madrid: Errata Naturae, 2021.

2 "O outro" refere-se a todas as coisas e a todos os seres vivos, humanos e mais-do-que-humanos, que povoam este planeta chamado Terra.

Serpentesse

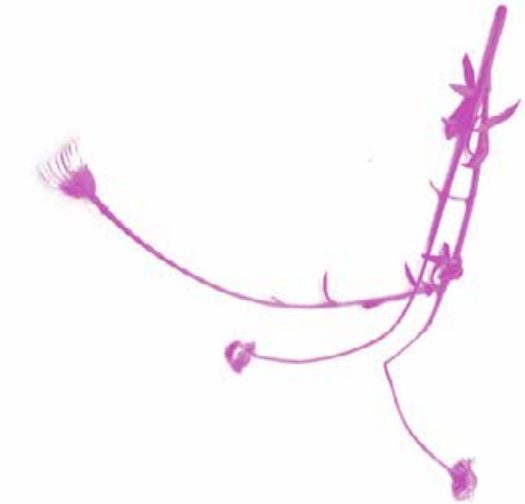
CHIARA CAMONI

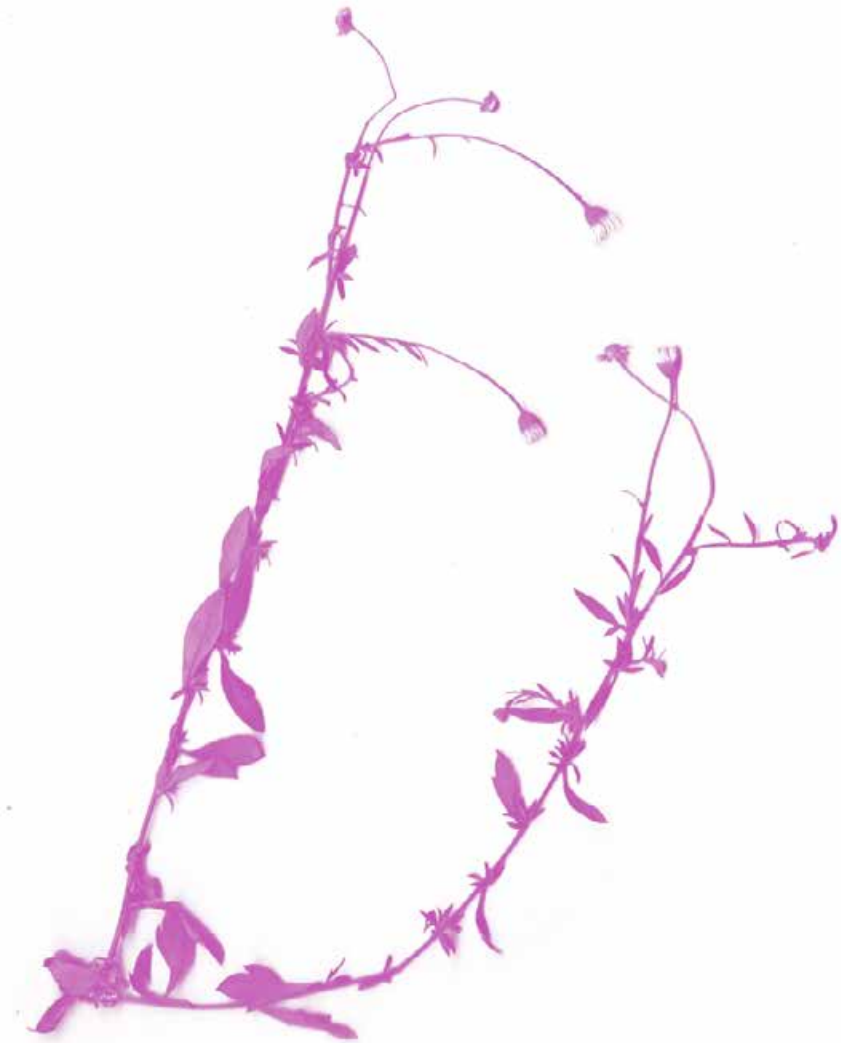
Serpentesse é um som que antecede as palavras, repetindo a voz daquilo que chama. Surge do atrito, do deslizamento e da vibração do mundo, captando o sopro da vida que passa por ele.

Chiara Camoni conduziu um workshop de impressão sobre seda natural, com recurso a plantas e flores colhidas pelos participantes nos Jardins do Palácio de Cristal, orientando diálogos e conversas sobre elementos do seu trabalho, oferecendo possíveis interpretações e reflexões.

Este workshop realizou-se a 1 de julho 2023, graças à parceria com a Fondazione Torino Musei |GAM – Galleria Civica d'Arte Moderna e Contemporanea.

Durante as diferentes fases do workshop o tempo e a espera são fatores importantes, pois fazem com que as plantas deixem marcas na seda. As silhuetas são manchas tingidas que criam padrões e desenhos, revelando elementos figurativos inesperados. Estas imagens são conhecidas em diversas culturas como elfos, fadas ou xapiris, e representam os espíritos da natureza, enfatizando a sua importância no cuidado e na relação com o meio natural que protegem.





Eternal Forest

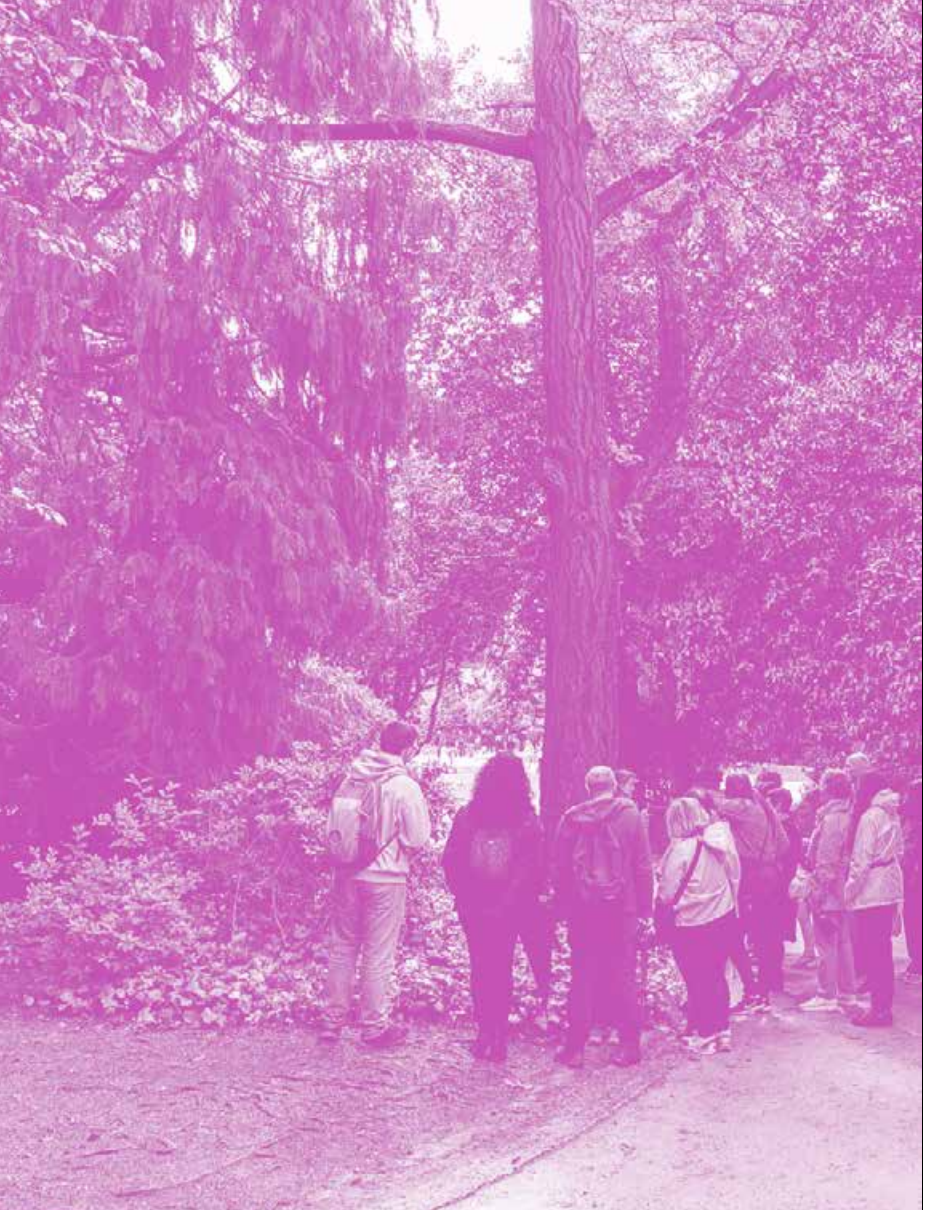
EVGENIA EMETS

No ping! o Dia Internacional dos Museus é festejado como Dia Internacional do Fascínio das Plantas, numa estreita relação com quem habita os Jardins do Palácio de Cristal — a sua fauna e flora — e também com quem os visita, numa celebração conjunta das diferentes formas de vida.

Em 2024, quem nos guiou foi a artista Evgenia Emets cuidadora do projeto *Eternal Forest*, focado numa atenta e cuidadosa investigação sobre a ligação das comunidades com a floresta e na urgência em refletirmos sobre estas relações, muitas vezes assentes em lógicas extrativistas.

Para este evento, Evgenia tem acompanhado as quatro estações do ano no espaço dos Jardins, deixando-se guiar intuitivamente pelas plantas e árvores deste lugar. A proposta é fazer um percurso onde se fale sobre as espécies de árvores que existem, acrescentando ainda uma experiência coletiva de escrita a partir do que as plantas nos dizem, ao mesmo tempo que estabelecemos relações com os quatro elementos e ouvimos histórias milenares, ou de pensadores da atualidade, sobre cada uma delas.

Este workshop decorreu a 18 de maio 2024.

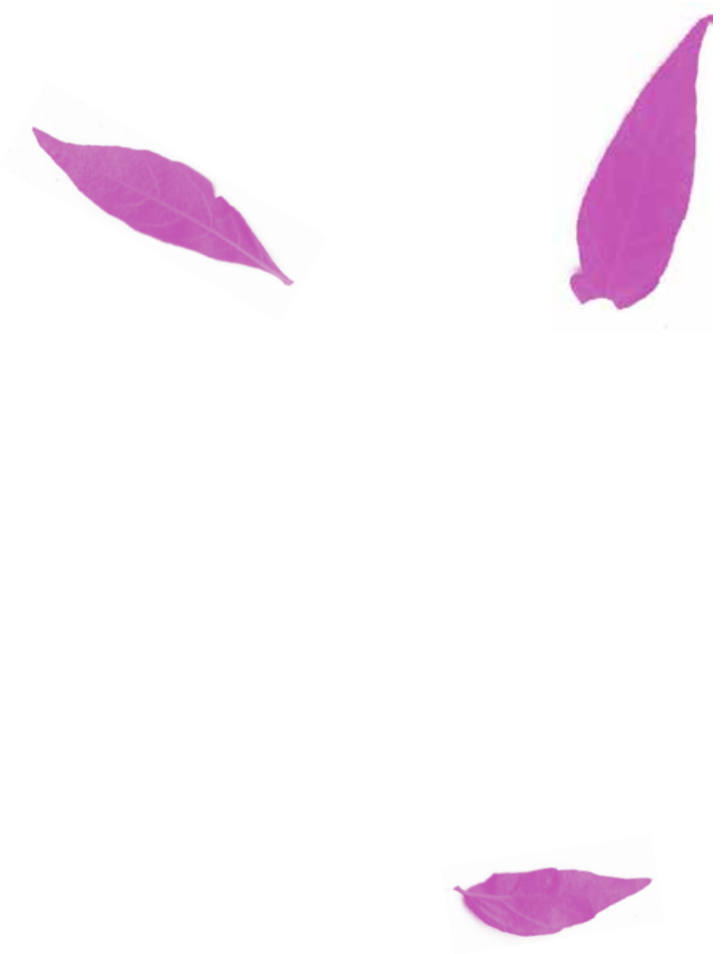


passeio

outro dia
topei
o dedo
do pé
na pedra
da calçada portuguesa

dói muito.

Ellen Pirá Wassu, 2021



Chiara Camoni

Artista, vive em Fabbiano, Alta Versilia, e trabalha com desenho, impressões de plantas, vídeo e escultura, principalmente em cerâmica. As suas obras são frequentemente criadas através de colaborações com amigos e familiares, em grupos espontâneos ou em seminários e oficinas organizadas. Recentemente, Camoni colaborou com Il Centro di Sperimentazione, explorando diversas formas de autoria compartilhada e, com Cecilia Canziani, organizou o ciclo de conferências "La giusta misura" [A medida certa]. Algumas exposições recentes: *Hic sunt dracones*, GAM, Turim (2022–23); *Persones Persons*, 8ª Bienal Gherdëina, Val Gardena (2022); e *LA DISTRUZIONE BELLA*; SpazioA, Pistoia (2022).

Círculo das Leitoras Peripatéticas

Coletivo composto por Sofia Gonçalves, Susana Gaudêncio e Susana Pomba. Em 2014, as artistas estiveram em residência no Moinho da Fonte Santa, numa área geográfica isolada no concelho de Alandroal, Alentejo, onde trabalharam a partir de materiais da Biblioteca Biberstein–Gusmão para a escrita de um guião a ser lido durante uma caminhada à volta do Moinho. Desta residência, denominada *Elogio ao tempo lento*, resultou a primeira edição do coletivo, composta por três "libretos" apresentados como roteiros de acesso à Biblioteca e à paisagem contígua.

Ellen Pirá Wassu

Poeta, escritora e pesquisadora indígena de origem Wassu Cocal. É Mestra em Artes e atualmente cursa o doutoramento em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas na Universidade do Minho. Publicou em 2021 *Ixé ygara voltando pra 'y'kûá*, livro de poesia escrito em língua portuguesa e tupi antigo. Integra, entre revistas literárias e outras coletâneas, a obra *Volta pra tua terra,* uma antologia de poetas antifascistas e antirracistas em Portugal. A sua prática relaciona poesia, crítica, ativismo, palestras e escritas ensaísticas. É também curadora do Ciclo de Conferências, Exposições e Performances 2023 da Escola das Artes, com o título "Pisando Suavemente Sobre a Terra".

Evgenia Emets

É artista e poeta e vive e trabalha em Portugal, vinda de Poltava, Ucrânia, URSS. Frequentou o mestrado em Belas-Artes na Saint Martins, Londres, e há cinco anos decidiu reconstruir uma casa e reabilitar um terreno agrícola em Torres Vedras. A sua prática debruça-se sobre questões ecológicas, que transpõe para arte visual, poesia sonora e caligráfica, instalação, performance, e arte site-specific em contextos naturais. O seu projeto Eternal Forest marca uma transição de integração do pensamento ecológico na sua arte, com a missão de partilhar mais conhecimento sobre biodiversidade, ligando as pessoas à natureza e à paisagem florestal através da arte participativa.

Expôs individual ou coletivamente em exposições como: CI.CLO/ Bienal de Fotografia do Porto — Sustentar; Roots & Seeds, Espanha; Multispecies Salon, México e Bienal de Cerveira; Encontro Pela Terra e Galeria Diferença. Participa em encontros sobre Arte e Ecologia, orientou percursos de "experiência artística" que tiveram lugar na Estufa Fria — Parque Florestal de Monsanto, Lisboa, ou no Encontro Pela Terra em Idanha-a-Velha.

Fernanda Botelho

Estudou plantas medicinais na Scottish School of Herbal Medicine e viveu dezassete anos em Inglaterra, onde frequentou a Sociedade Antroposófica. Fez o curso de guia do Jardim Botânico da Universidade de Lisboa e colabora no programa Eco-Escolas. É autora de uma coleção de livros infantis e uma das fundadoras do grupo Sintra sem Herbicidas. Integra o projeto colaborativo e itinerante A Recoletora com Maria Ruivo e Alexandre Delmar.

Gustavo Ciríaco

Nasceu no Rio de Janeiro e vive atualmente em Lisboa. É coreógrafo e artista transdisciplinar que transita entre a dança e as artes visuais, passando por projetos expositivos e intervenções onde a experiência é o motor da partilha com o público. Com caráter site-specific, as suas obras fomentam o diálogo entre contexto e arquitetura, geografia e habitação, realidade e ficção, numa pesquisa contínua sobre os campos extensivos da arte de fazer danças. Suas obras foram apresentadas em festivais como Crossing the Line, Nova Iorque; Casa Encendida, Madrid; Museu de

Serralves, Porto; Mercat de les Flors, Barcelona; Al-Mammal Foundation, Jerusalém; TWS, Tóquio; DAC, Taipé; Haus der Kulturen der Welt, Berlim; Panorama, Rio; FADJR, Teerão; Nave, Santiago; San Art, Saigão.

Inês Neto dos Santos

É uma artista multidisciplinar, atualmente a viver em Bruxelas. Mestre de Artes em Comunicação Visual pelo Royal College of Art (2016) e licenciada em Graphic and Media Design and Illustration pelo London College of Communication (2013). A sua prática artística situa-se entre a performance e a instalação, fazendo uso de alimentos, pessoas e espaços como metáforas para repensar os contextos sociopolíticos em que nos encontramos. Na sua prática, Inês cria ambientes e estruturas através das quais se exploram temas como ecologia, simbiose e gestos de cuidado entre espécies.

LANDRA

Landra é o nome que Sara Rodrigues e Rodrigo Camacho dão à terra onde vivem e é também como são conhecidos como dupla artística. Através das landras (frutos dos carvalhos), o duo presta homenagem a uma cultura de autonomia, de soberania e de autossuficiência que querem recuperar, alinhando a sua prática de vida com os ritmos e ciclos naturais. Para além de ser uma agrofloresta em desenvolvimento, a Landra é também um espaço para experimentação com métodos de produção alimentar agroecológica e formas de arte-vida. Sara Rodrigues e Rodrigo Camacho conheceram-se na Goldsmiths University e, desde 2015, têm vindo a trabalhar juntos. Os seus projetos desenvolvem-se por via do vídeo e da composição audiovisual, da performance, da instalação e da intervenção no espaço público. Para além da carreira artística, formaram-se em permacultura e microbiologia, investigando e aplicando estes conhecimentos na prática.

María Auxiliadora Gálvez

Doutorada em Arquitetura Paisagista, professora do método Feldenkrais e professora titular da Escola Técnica Superior de Arquitetura de Madrid, Universidad Politécnica de Madrid. Dirige desde 2016 a Plataforma Somática para Arquitetura e Paisagem (PSAAP) e o laboratório associado (LSAAP). Tem sido distinguida em concursos nacionais e internacionais

de urbanismo e arquitetura, destacando-se as VI, VII e IX edições do EUROPAN. A sua obra tem sido publicada e exposta internacionalmente, destacando-se a sua presença nas 8.ª e 16.ª edições da Bienal de Arquitetura de Veneza. Como investigadora, foi codirectora de "We Are All Able Bodies. From Sensory Deprivation to Sensory Augmentation" (2018) e é autora dos livros: *Espacio Somático. Cuerpos Múltiples* (2019) e *Descampados. Caminar los paisajes revolucionarios en la ciudad somática* (2022). Atualmente trabalha em paisagem, arte e arquitetura de um ponto de vista incorporado, explorando as possibilidades da Arquitetura Somática. É membro da International Ambiances Network (França); faz parte do diretório de investigação do Centre for Sensory Studies (Canadá) e participa no projeto internacional Navigating Dizziness Together da Blue Sky Research for the Arts, com sede em Viena.

Michael Marder

Professor de Filosofia na Universidad del País Vasco (Espanha) e da Fundação Ikerbasque, Michael Marder tem focado o seu trabalho de investigação nas áreas de filosofia ambiental e pensamento ecológico, teoria política e fenomenologia. É editor associado da revista *Telos* e autor de 16 monografias, entre elas *Dump Philosophy* (2020), *Political Categories* (2019), *Energy Dreams* (2017), *The Philosopher's Plant: An Intellectual Herbarium* (2014) e *Plant-Thinking: A Philosophy of Vegetal Life* (2013). Lecionou na George Washington University, na Georgetown University (EUA), na Universidade de Toronto e na Universidade de Saskatchewan (Canadá).

Mauro Gil-Fournier

Atualmente professor associado e investigador no departamento de projetos da Escola Técnica Superior de Arquitetura de Madrid, onde lidera os ambientes de aprendizagem pioneiros Ecologias Afetivas e HIP Cidades. Paralelamente à docência e à investigação, é professor convidado em várias instituições internacionais, como a Faculdade de Arquitetura do TEC Monterrey e o Mestrado em Cidades da UOC. Após quinze anos de carreira profissional, fundou a comunidade Arquiteturas Afetivas, que parte da arquitetura enquanto matéria afetiva, através de uma abordagem colaborativa e inter-escalar. É convidado frequente em conferências em universidades e fóruns na Europa, América Latina e Estados Unidos.

Paula Pin

A prática da artista e ativista Paula Pin combina ciência, biologia e identidades queer na realização de projetos que assumem a forma de esculturas interativas, instalações, performances, caminhadas e experiências de laboratório, nas quais o corpo se relaciona de formas inusuais com o mundo. Pin organiza workshops tecno-feministas e colabora desde 2012 na extensa rede de bio-hack Hackteria (que une corpo e natureza). Colaborou com instituições como o CERN (Organização Europeia para a Investigação Nuclear), Geneva; Bergen Assembly; Hangar, Barcelona e KASK, Gant.

Samuel Wenceslau

Artista negro cuír multifacetado, Wenceslau é brasileiro, imigrante no Porto, e trabalha na cena artística e cultural da cidade desde 2019. Bacharel em Artes Visuais no Brasil e mestrando em Artes Plásticas na FBAUP. Acumulador e colecionador com um profundo interesse pela natureza, em particular pela botânica, utiliza inventários, processos manuais e digitais, explorando formas e linhas orgânicas em colagens, desenhos, fotografias, digitalizações, pinturas, objetos e outras criações plásticas. Em paralelo, sua persona Sucata Queen, forjada no ouro e na lata, consolida e marca a sua trajetória no cenário musical, como DJ, produtor cultural e cofundador do @obailedoce, primeiro baile charme do Porto.

Teresa Castro

Professora associada na Université Sorbonne Nouvelle desde 2011, trabalhando também como crítica e programadora de cinema. Uma parte significativa da sua pesquisa atual centra-se nas formas de vida vegetais, na cultura visual, nas ligações entre cinema e ecologia e nas histórias ambientais da fotografia e do cinema. Neste âmbito, publicou "The Mediated Plant" (*e-flux journal*, 2019) e coeditou o livro coletivo *Puissance du végétal et cinéma animiste. La vitalité révélée par la technique* (Presses du réel, 2020). O seu ensaio "Navegando águas turvas com líquenes, fungos e plantas ruderais" deu origem ao micro-site "Segredos da Natureza", produzido pela Culturgest (2021).

Uriel Orlow

A prática artística de Uriel Orlow é baseada na pesquisa e orientada para o processo e a multidisciplinaridade, incluindo filme, fotografia, desenho e som. Exposições individuais recentes incluem La Loge, Bruxelas; State of Concept, Atenas; Tabakalera, San Sebastian; Kunsthalle St Gallen; Les Laboratoires d'Aubervilliers Paris; Market Photo Workshop and Pool, Joanesburgo; Castello di Rivoli, Turim, entre outras. As obras de Orlow foram já apresentadas internacionalmente em museus, festivais de cinema e bienais, incluindo a Manifesta 12, Palermo (2018) ou a Sharjah Biennial (2017). Monografias da sua obra incluem: *Conversing with Leaves* (Archive Books, 2020), *Soil Affinities* (Shelter Press, 2019) e *Theatrum Botanicum* (Sternberg Press, 2018). Uriel Orlow é professor no Royal College of Art, Londres e na University of the Arts Zurich (ZHdK). Em 2023 recebeu o prémio Meret Oppenheim.

Yayo Herrero

Antropóloga, engenheira técnica agrícola e ativista, Yayo Herrero é uma das mais reconhecidas vozes do ecofeminismo a nível europeu. É professora da Cátedra UNESCO de Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável na Universidad Nacional de Educación a Distancia (Espanha) e é sócia-fundadora da Cooperativa Garúa. Entre 2005 e 2014 coordenou o grupo espanhol Ecologistas en Acción e, entre 2012 e 2018, foi diretora da Fundación FUHEM, que promove a justiça social, o aprofundamento da democracia e a sustentabilidade ambiental. É, ainda, coautora de diversos livros e artigos relacionados com o campo interdisciplinar da ecologia social.

AGRADECIMENTOS

Ao João Laia, atual Diretor Artístico da Galeria Municipal do Porto e às Direções anteriores, de Guilherme Blanc e Filipa Ramos, que programaram o ping!. Ao Juan Luis Toboso, pessoa fundamental para a curadoria do Gineceu&Estigma ao longo dos primeiros quatro anos deste eixo. À Isabeli Santiago e Patrícia Coelho por estarem sempre presentes e atentas ao projeto educativo, assim como toda a equipa da Galeria Municipal do Porto que acolheu o ping!. Às artistas-educadoras Rebecca Moradalizadeh e Mariana Sardon, que integraram a equipa do ping! em anos anteriores.

A todas as pessoas, artistas, autores, autoras e instituições que colaboraram de forma direta ou indireta para a programação do Gineceu&Estigma e para a produção desta publicação. À Diana Policarpo, que nos deu a conhecer Paula Pin, no âmbito da exposição *Nets of Hyphae*.

Aos engenheiros José Franco e José Silva, e à incansável equipa de jardinagem do Jardins do Palácio de Cristal e a toda a vida não-humana que vive nestes jardins. A toda a gente que se inscreveu e participou nas atividades do ping!, em particular do eixo Gineceu&Estigma.

Aos editores que, gentilmente, cederam conteúdos para esta publicação: Paula Amaro, da editora Dinalivro, pela reprodução de conteúdos de *Ervas que se comem* Lisboa, 2023, de Fernanda Botelho; Wladimir Vaz Mourão, da Editora Urutau pela reprodução de conteúdos de *IXÉ YGARA VOLTANDO PRA' Y'KÛÁ* (*sou canoa voltando pra enseada do rio*) Cotia – SP, 2021 de Ellen Pirá Wassu.

À Mariana Pestana e Marta Lança por terem trazido o conceito ecofeminismo na moderação das conferências. A docentes e estudantes das escolas que participaram no ping!, em particular a Lígia Lima, coordenadora do projeto Linhas de Fuga com o qual foi desenvolvido o projeto ping! ESCOLA TERRA com Landra. Ao coletivo de pings!, companhia regular ao longo destes quatro anos.

Gineceu&Estigma

Publicado por
Galeria Municipal do Porto
Ágora – Cultura e Desporto
do Porto, E.M., S.A.

Edição
Matilde Seabra

Textos
Círculo de Leitoras Peripatéticas
Ellen Pirá Wassu
Fernanda Botelho
Landra
María Auxiliadora Gálvez
Matilde Seabra
Mauro Gil-Fournier
Michael Marder
Teresa Castro
Yayo Herrero

Coordenação Editorial
Matilde Seabra
Tiago Dias dos Santos

Tradução
Cláudia Gonçalves
Teresa Fernandes

Edição e Revisão
Cláudia Gonçalves
Hernâni Baptista
Matilde Seabra
Tiago Dias dos Santos

Fotografias e Imagens
Anaïs Tondeur: pp. 21, 22, 27.
Alexandre Delmar: pp. 182.
A RECOLETORA: pp. 181.
Dinis Santos: pp. 155, 156, 158-159, 161, 162-163, 164, 165, 169, 178-179, 186, 191, 192. Diogo Meira: pp. 233, 234-235, 236-237, 238.
Fernanda Botelho: pp. 170, 172, 175, 176, 180, 181.
Helena Férnandez Lópes: pp. 57.
LANDRA: pp. 103, 105, 106, 108, 109, 112-113.
Luís Moreira: pp. 87.
Matilde Seabra: pp. 196-197, 198, 199, 200, 201, 202, 204-205.
Renato Cruz Santos: pp. 28-29, 36-37, 39, 42-43, 44, 48-49, 52-53, 60-61, 62, 73, 83, 84, 85, 88-89, 90, 92, 93, 97, 98, 133, 134-135, 136, 138-139, 181, 184, 185, 221, 222, 225, 226-227, 229.
Rui Braga: pp. 58, 102.
Sérgio Monteiro: pp. 120-121, 122, 124-125, 126.
Teresa Castro: pp. 142, 146-147.

Design gráfico
Joana Lourencinho Carneiro

O podcast do ping! pode ser ouvido no spotify – Galeria Municipal ping!

ISBN
978-989-35860-1-3

Primeira Edição 2024

Produção Gráfica
Forward Consulting

Impresso por
Gráfica Maiadouro

Tiragem
300 exemplares

Publicação disponível gratuitamente, mediante pedido através do email galeriamunicipal@agoraporto.pt. Limitado ao stock existente.

ping!
Projeto Educativo da Galeria
Municipal do Porto

Coordenação
Matilde Seabra

Mediação
e Projeto Educativo
Pedro Galante

Visitas Guiadas
Isabeli Santiago
João Ramos
Patrícia Coelho
Pedro Galante
Rui Braga

Galeria Municipal do Porto

Direção Artística
João Laia

Diretora Executiva
Sílvia Fernandes

Coordenadora
de Programação
e Curadoria
Joel Valabrega

Curadoras Assistentes
Isabeli Santiago
Patrícia Coelho

Coordenadora
de Produção
Patrícia Vaz

Coordenador Técnico
Paulo Coelho

Comunicação
Tiago Dias dos Santos (Coord.)
Diana Reis
Hernâni Baptista

Projeto Educativo
Matilde Seabra (Coord.)
Pedro Galante

Técnicos de instalação
Armando Amorim
Carlos Lopes

Assistente de Produção
Clara Saracho

Frente de Casa
e Relações Públicas
Rui Braga

Assistente de sala
João Ramos

Assistente Administrativa
Juliana Campos

Câmara Municipal do Porto

Presidente
Rui Moreira

Ágora — Cultura e Desporto
do Porto, E.M., S.A.

Presidente do Conselho
de Administração
Catarina Araújo

Administradores Executivos
César Navio
Ester Gomes da Silva

Secretariado da Administração
Liliana Gonçalves

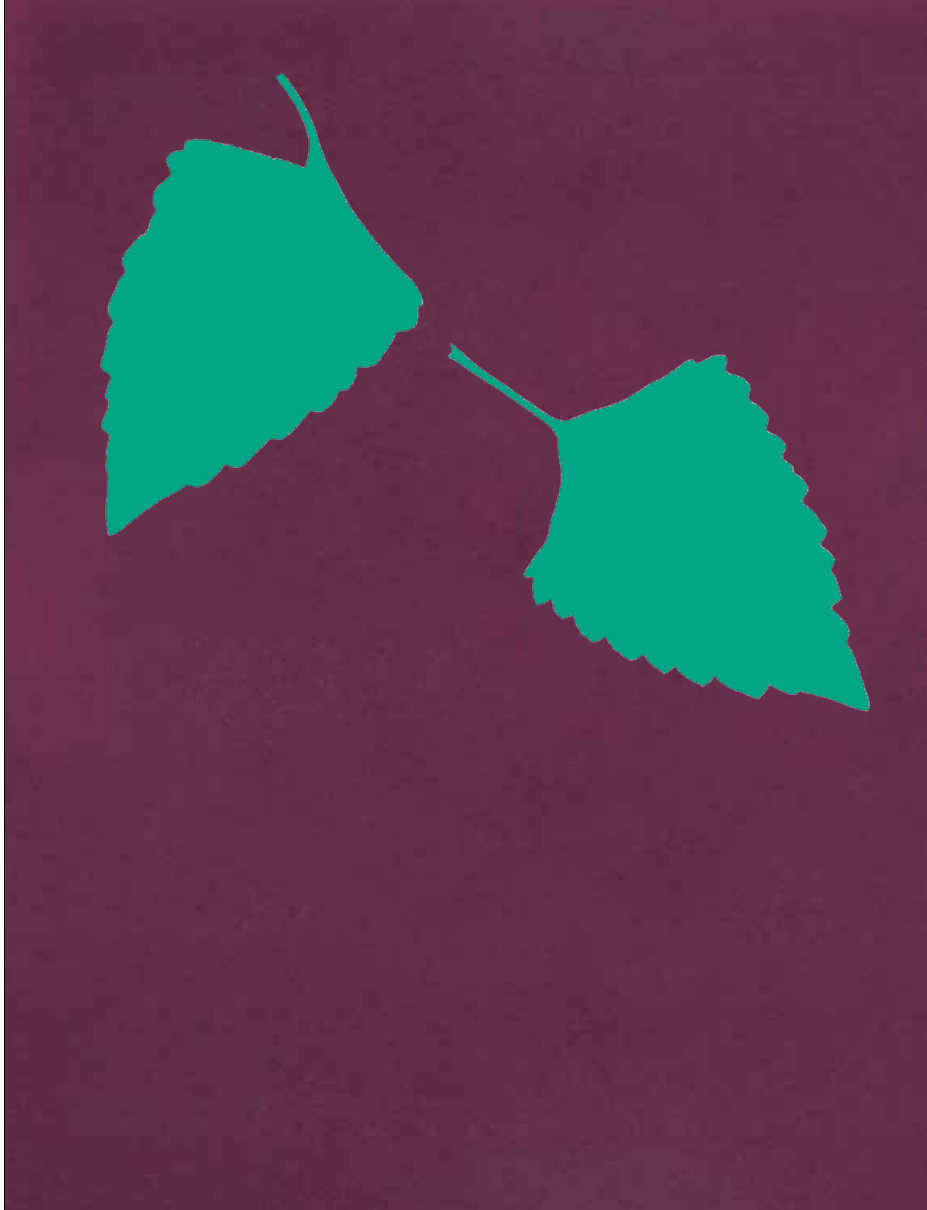
DPO
Filipa Faria

Diretora de Gestão de Pessoas,
Organização e Sistemas de
Informação
Sónia Cerqueira

Diretor de Serviços
Jurídicos e de Contratação
Sérgio Caldas

Diretora Financeira
Rute Coutinho

Diretor de Comunicação e Imagem
Bruno Malveira



ping!

GALERIA MUNICIPAL DO PORTO

Porto.

ping!

GALERIA MUNICIPAL DO PORTO

Porto.